

capa
M BRASIL

contra
MINDA

CONTEMPORÂNEA
EM

POESIA BRASILEIRA
ANTOLOGIA DE
AMAS *

** quisemos recolher o que nos parece o
potente da produção contemporânea: a
tona, pois, o descentramento, o desconfo
o deslocamento de ser ou estar no Brasil.
o mito romântico da independência, do t
do nacional, do próprio, cultivado em
modernismo, esborço*

UM BRASIL AINDA EM CHAMAS

*antologia de poesia brasileira
contemporânea*

organização e notas

Wilson Alves-Bezerra & Jefferson Dias

contracapa

ITINERÁRIO DO DESCAMINHO – OU DE
COMO ANTOLOGIAR POESIA EM UM BRASIL
AINDA EM CHAMAS

O editor nos propõe: uma antologia de poesia contemporânea brasileira para o público de Portugal. Concomitantes, estão também propostos desafios evidentes: o que caracteriza a dita poesia contemporânea do Brasil? O país tem sido pródigo em produzir centenas de novos livros de poemas ao ano – há quem maldosamente diga que no Brasil se multiplicam os poetas mais que os leitores de poesia. De toda forma, os livros em pequenas tiragens, muitos dos quais não alcançam uma centena de exemplares, não raro se perdem na selva de informação das redes sociais sem chegar a seus potenciais leitores.

Desse bosque de signos, quisemos recolher o que nos parece o mais potente da produção contemporânea: vêm à

tona, pois, o descentramento, o desconforto e o deslocamento de ser ou estar no Brasil. Todo o mito romântico da independência, do típico, do nacional, do próprio, cultivado em nosso modernismo, esboroa-se.

Quisemos as vozes de diferentes regiões do país, para além daquelas que comumente se difunde; quisemos fugir do grupo de poetas amigos; incluímos na noção de poesia brasileira as obras de filhos de migrantes brasileiros que nasceram e vivem no estrangeiro (Paula Abramo); brasileiros que emigraram e veem o seu país de fora (Patricia Lavelle, Edson Krenak, Adelaide Ivánova); estrangeiros que vieram ao Brasil e adotaram o português como matéria de sua lírica (Jesus Montoya, Prisca Agustoni); gente brasileira que se enuncia a partir de sua ancestralidade africana (Lubi Prates, Edimilson Pereira), indígena (Edson Krenak). Estão presentes os brasileiros do norte amazônico (Cesar Garcia Lima, Celso de Alencar, Susy Freitas), que não se ocupam, no entanto, de cantar o que se preconcebe acerca da natureza, mas a experiência, a violência cotidiana, traço, aliás, presente na poesia de muitos de nós. Embaralham-se umas e outras vezes as referências.

Poesia: brasileira e contemporânea. A coleção de textos assim disposta se desdobra ante nós. Está em causa, por certo, a empresa do crivo; daí ser partícipe uma série, e não outra, de poetas. A despeito desta baliza, a diversidade de vozes, como se pôde entrever, é critério capital. E, assim, o que se delinea é uma tentativa de itinerário. Mas qual, posto que o extravio seja, de saída, determinante?

Não há resposta simples. Contudo, no que toca ao descaminho, alguma sorte de perquirição que recorresse ao plano genésico não se mostraria despicienda; de modo que, se o fizéssemos, seria admissível depararmos o sujeito que não se identifica nem ao nativo assim chamado índio, nem tampouco ao conquistador europeu – mas que não raro imiscui-se nos negócios deste, de modo a estar mais ajustado às relações de poder. Se há nisso alguma espécie de reconhecimento, este se dá por meio do estranhamento. Entre a dizimação genocida e a multiplicação da nova prole, está o ventre violado da mameluca, mãe originária. Este o nosso berço esplêndido. Quer isto indiciar, entretentes, as primícias de uma nação?

Darcy Ribeiro acautela: o povo, aqui, não existe para si, mas para os outros, “ontem era uma força de trabalho escrava de uma empresa agromercantil exportadora. Hoje, é uma oferta de mão de obra que aspira a trabalhar e um mercado potencial que aspira a consumir”. De modo que poderíamos apanhar, no poema de Raquel Gaio que toparemos adiante, um lema possível, a soar genuíno nos estandartes, nas bocas de quaisquer compatriotas brasileiros – exceto nas da classe dirigente –: “sou um animal expatriado”. Um bicho desalojado sempre, o brasileiro, desde o gentílico (cujo sufixo quer sinalizar mais um ofício, menos o pertencimento); seja o que antagoniza o estado de coisas, seja o que, estupidificado, afirma-se assecla de quem o domina e, em última análise, de quem o aniquila.

Pois sim: uma coletânea; poetas de todas as regiões do Brasil. O que se tenciona ao levar a cabo um trabalho como

este? Em um país em que a bíblia é o livro mais lido, em que cerca de um terço da população não atina com o que lê? Em que, entre 2015 e 2019, perdeu 4,6 milhões de leitores? Uma antologia de poesia contemporânea em um país onde leitores, quando os há, escasseiam e preterem o gênero; onde um ministro da fazenda preconiza a taxaço de livros, posto que sejam artigo de luxo, comerciado apenas entre a burguesia? Está em causa o crivo, é verdade, mas qual?

Nesse país em que o descaminho é notório e o deslocamento, formador, quer parecer que no caso de se antologiar gênero refugado e intempestivo, não há outra maneira de fazê-lo senão afirmativamente, quer dizer, uma antologia de poesia brasileira contemporânea deverá arrogar a falta de lugar – donde se revela um índice de conduta. No que concerne ao tempo – a contemporaneidade – dessa antologia, descortina-se o quadro do acirramento: estão mais mal quistos os artistas, inclusive já são perseguidos; o povo, de modo geral, afigura-se um empecilho, é deixado para morrer, à mercê da peste, posto que a classe dirigente barganhe a vida, forcejando por auferir vantagem da tardança da cura. Daí ressuma um itinerário de recolha – e de leitura.

Uma seleção tal, em suma, faz as vezes de convite à escuta da dissonância que nos funda.

Assim a obviedade pode adquirir o cariz da ironia: não é outro senão o poema intitulado “Brasil”, de Augusto Meneghin, a inaugurar a série: nomeia-se, localiza-se, com efeito; entrementes o que se afiguraria resposta só faz aguçar

a inquirição, a incerteza. Este, como uma sorte de prelúdio, introduz a cadeia temática que com frequência se desdobrará nos textos que o sucedem. No mais, nesta *ouverture* já se fixa, de modo indelével, o descompasso de que se vem falando: o tupi tange o alaúde – Mário de Andrade dixit – e mais: é “um garoto do interior que beijou Baudelaire e abandonou as igrejas” sob a batuta doidona de Allen Ginsberg.

Meneghin escarafuncha, prepara o terreno: “Brasil eu te dou cem reais e você me devolve uma favela”. Por exemplo: neste vestibulo, espécie de rede hipertextual, onde conhecemos que “ontem mesmo alguém virou um número de balas perdidas”, somos já encaminhados aos textos de Brenda Sodré e Dheyne de Souza, ambos dimanando do pasmo, chafurdando no absurdo, na desgraceira da violência policial; aquele, com a pena da galhofa, consubstanciando com maestria o soluço e a gargalhada maníaca; este, puro grito, cabeça se chocando contra a parede.

Catástrofes e morticínios se sucedem em território nacional: do arquiconhecido episódio do Massacre do Carandiru – quando a polícia invadiu o então maior presídio da América Latina, na tarde do dia dois de outubro de 1992, e metralhou 111 detentos, cantados por Celso de Alencar em seu “111 picas” –, ao caso das tragédias silenciadas, como aquela que nos chega pela voz do discurso do estado, recolhido por Tarso de Melo em seu “Toda sentença é um antipoema”.

Tudo é morte, tudo é crime na Terra de Vera Cruz. Conhecemos, através do texto de Meneghin, que “amanhã meu alfaiate vai tirar as medidas para meu terno de/ Defunto”,

quer dizer, temos notícia de uma tanatologia vulgarizada, tão brasileira, tema que vai sendo elaborado nos poemas, dentre outros, de Jefferson Dias (“As pessoas estão menos livres [...] / Muitas jazem / Com um tiro na nuca [...]”).

Sucessão ou fixidez, tanto faz; se está em foco o prisma historiográfico, o poema de Luiza Romão exsuda o passado colonial igualmente truculento – “A COLONIZAÇÃO COMEÇOU PELO ÚTERO/ matas virgens/ virgens mortas/ A COLONIZAÇÃO FOI UM ESTUPRO”. Já o de Lubi Prates intenta um inventário da diáspora africana: “para este país/ eu trouxe/ a cor da minha pele/ meu cabelo crespo/ meu idioma materno/ minbas comidas / preferidas/ na memória da minha língua”, e o descabimento assume as tintas da dívida.

O novelo de Ariadne, fornecido pelo “Brasil” de Meneghin, acusa a problemática: “Brasil seu samba não é mais negro”, e isto porque, como fica demonstrado no texto de Prates, “eu trouxe todas essas coisas/ & mais/ : ninguém notou”, para não dizer que houve reiterada obliteração, epistemicídios, assimilações de toda sorte. Do ponto de vista da “árvore genealógica”, dos “antepassados”, das “raízes”, está em causa a tragédia da negação, da renovada tentativa de suplantar os pilares culturais mais robustos dessa nação, bem como de jarretar os braços que os erigiram.

Essa contextura é mais esgarçada no poema de Jefferson Dias, sob o enfoque da necropolítica: “Lá de cima é possível escolher melhor/ Quem morre quem não/ [...] A civilização vai desabar sobre os selvagens”. Uma cronologia é ainda

posta em xeque: “o tempo prolonga-se/ Puro napalm”, na medida em que se verifica, no caso do Brasil, um estancamento temporal; trata-se do país do futuro adiado, onde o passado atravessa o presente tenazmente, onde, mais que mera repetição, mais que retrocesso, o tempo parece estar abolido, posto que o descalabro seja sempre o mesmo, que um país, quer parecer, nunca tenha de fato existido.

Se o aforismo de Fernando Pessoa, “Minha Pátria é minha língua”, pudesse assinalar um rumo, a recolha das líricas aqui reunidas faz saber que tudo tende à dispersão. Qual é, afinal, a língua do migrante e dos seus filhos? A linguagem de marchetaria interlinguística do poema da mexicano-brasileira Paula Abramo responde: “16 In principio creavit deus caelum et terram. Terra autem erat inanis. Dixit que deus: Produtos tradicionais da Companhia Fiat Lux de fósforos de segurança, há mais de vinte anos fabricando e distribuindo fósforos em todo o Brasil”. Como em outro momento, o emigrado venezuelano Jesús Montoya deslinda a questão: como em um continuum, chegar ao Brasil não significou sair de seu país natal: “Nós, venezuelanos, somos ilhas idas./ Não medidas./ Não mãos esquecidas./ Nadie suele,/ apenas preguntar/ sin escucharnos/ maldecir”. Que terra é essa, a dos anjos, enfim, que a suíça Prisca Agustoni evoca? “Reviram as línguas/ como frutos caídos/ cariados no chão, na torre /dessa babel horizontal”.

A despeito da dissolução, que quer se afigurar irrestrita, alguma laia se aglomera. Senão vejamos. Em “Medida”, a contribuição de Bruno Brum se dá de modo a perfilar com

precisão um arquétipo. Se no poema anterior, de Jefferson Dias, divisamos que nos “crimes do século/ Tomamos parte em muitos e os achamos/ Belos”, se até aqui vimos nos inteirando de qualquer genealogia, de uma história geral, com o texto de Brum podemos anunciar: *ecce homo*. Uma antropologia tal – “meus desejos e fantasias estão todos na média./ Os meus ossos, se bem organizados, caberiam numa caixa de tamanho médio” – fornece-nos o instrumento interpretativo bastante para apreender a ascensão do “blogueirinho carioca” que “nasceu com uma rara condição”, cuja biografia se desenrola no poema de Sabrinna Alento Mourão. E uma vez que neste, através de seu diapasão cômico, já nos demos conta de que “a vitória do blogueiro no concurso/ fez com que muitas pessoas com condições semelhantes à sua/ se sentissem representadas,/ passassem a exigir legitimidade”, no de Wilson Alves-Bezerra podemos conhecer as implicações dessa ascensão: “E tinham mesmo que morrer trinta mil./ Sem uma guerra civil,/ o que será de nós?”.

Nos poemas de Susy Freitas e de Bruna Kalil Othero, o tipo recebe mais camadas de tinta. No da primeira, patenteia-se o epicurismo desequilibrado, a empáfia infernal de quem “pode tudo”, a despeito do “cheiro de morte” que a cidade exala – viria daí um desejável subtítulo desta coletânea. No da segunda, a generalização alcança a exatidão: “os homens dominam o mundo há séculos/ e não conseguem lavar as próprias cuecas” – o escárnio aí presente introduz as “meigas e faceiras donas de casa brasileiras” que surgem ao final do poema de Paula Abramo.

“En memoria de Anna Stefania Lauff, fosforera” funda uma ponte; o curso do que se coligiu, do que está arranjado até este ponto, esboçando, dentre outras coisas, qualquer sorte de estudo de costumes, de técnicas e de modos de vida de determinada coletividade e do sujeito paradigmático. Evoca, ainda que não textualmente, o analfabeto político, incapaz de discernir entre o ídolo e o verdugo – neste caso, uma e a mesma pessoa –, “de mentalidade mediana”, como lemos no poema de Bruno Brum, que dá anuência às mais disparatadas calamidades que se abatem sobre o povo (sobre ele mesmo, inclusive), que, não obstante a hecatombe, promove, sem falhar, a churrascada domingueira (única instituição que funciona normalmente no país, temos visto que mesmo em face da peste, mesmo que em face da carestia que se exacerba a dia e dia), que defende a tradicionalidade da família, mas agride a mulher, abandona os filhos e forceja pela manutenção de uma conjuntura extraconjugal. Pois bem: “En memoria” desdobra ainda a problemática social – “salario del menor, menor salario”, “Su hija sólo va a moler un poco de cristal” – e tangencia, como vimos, a domesticidade cerceada pelo patriarcado; entrementes isto é levado a efeito – eis o mérito – graças à forma luminosa: alguma sorte de estar entre línguas, expressão bem acabada do deslocamento.

Nesse sentido, “Palavra estrangeira”, de Patrícia Lavelle, consubstancia o alerta: “toda palavra é armadilha”. Este o solo movediço por sobre o qual se erigem os poemas que o precedem, de Prisca Agustoni e de Edimilson de Almeida Pereira. Com isto em vista, podemos compreender melhor o

desejo sempre baldado de quem queira “escrever a palavra br*+^%”. É o que escancara o poema de Luiza Romão: “palavra-mercadoria/ brasil/ PAU-BRASIL/ o pau-branco hegemônico/ enfiado a torto e a direito/ suposto direito/ de violar mulheres”.

Se for possível dizer que a empresa colonizadora sucedeu sobre o alicerce do saque, do genocídio e da violação, será possível também afirmar que este tripé maldito é o preeminente legado da nossa miséria, que nos chega mais ou menos intacto até a isto que chamamos presente. Podemos descortiná-lo, ainda que parcialmente, através do caminho até aqui. Por esse ângulo, são exemplares os poemas entrevistados acima. Se a bestialidade é uma constante no que respeita aos hábitos, veremos que a paisagem não se afigura menos desolada.

No poema de Alves-Bezerra, pudemos nos inteirar de fator complicador: há uma realidade paralela em jogo; a partir dela, uma geografia paralela é traçada: “Aqui não aconteceu nada./ Cada um para sua casa./ Aqui ninguém morreu./ E se morreu foi acidente,/ ou foi o acaso”. Por detrás desse véu de Maya, entretanto, o que se depara é distinto, e a pergunta mais apropriada ecoa nos versos de Matheus Guménin Barreto – “é lícito que haja o que haver em versos/ como estes/ se os tireteios furam a pele de uma mãe de um pai de um filho e de um que não nasceu e não nascerá num canto escuro qualquer deste país [...]?”

Esta a pátria cantada por Jennifer Trajano, “casa que nunca foi nossa”; este o “ambiente” que “será devidamente ventilado com/ rasantes de helicóptero”, como está dito no

poema de André Nogueira. Neste lugar, escapar à “gaiola”, “não ser um camundongo”, “mover-se”, revela-se imperativo a quem se descontenta, como se lê no poema de Cesar Garcia Lima. Mas nem sempre se mover indicia superação; pelo contrário, não raro é sinal de que não há escolha. Donde o advento de outra figura paradigmática, situada do outro lado, aquém da medida estipulada pelo texto de Bruno Brum: eis o “anjinho do Brasil” que assoma nos versos de Julia Raiz: “vende cachorro quente/ com um delicioso purê de batatas/ [...] com o dinheiro também vai poder viajar pra Maceió/ e também ser uma pessoa cheirosa/ que abraça os outros como se deve abraçar”, ou mais: “comprar – não ganhar – o quanto quiserem/ de porção extra de maionese verde/ que elas desejarem no cachorro quente”.

Há urgência no Brasil, todavia tudo tarda e é sempre postergado. Enquanto arrematamos estas linhas, os corpos ainda se empilham, e a população miserável, famélica, acotovela-se na fila de ossos bovinos, diante do caminhão de lixo. Quem é o gado? Em “Tempestade”, de Natasha Tinetti, atinamos, afinal, com a lancinante constatação: “só entende o que é pobreza quem viveu a matemática dura e desdedada”, por exemplo, “Carolina Maria de Jesus queria comprar sapatos para a filha/ mas/ o preço dos gêneros alimentícios impedia a realização dos seus desejos/ era isto/ o u/ aquilo”. Essa “matemática dura” que nos obseda – hoje em dia ainda mais –, ganha contorno funéreo no poema de Mar Becker: “a partir de certo número, a gente desaprende a contar” e, entremes, “também temos morrido/ eu e meus amigos,

enquanto contamos os mortos/ da última semana”; nesse estado de luto permanente, um desdobramento da constatação exposta acima talvez aponte para o “futuro que sabemos/ que não há”.

Neste país, a despeito de tudo, cria-se tempo para a poesia. E se aqui leitores não há, que se leia tudo em voz alta: que sejam ouvidos os sussurros, os urros e os estertores que saltam deste livro. Porque, assim como está dito no poema de Raquel Gaio, a despeito de se trazer “no dorso a sede de um país devastado”, traz-se também “este dano: a violência de uma respiração”. De alguma maneira resistimos.

E aqui, oportunamente, ressaltamos o peso de se resistir sendo mulher no país que, de acordo com o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos, ocupa o quinto lugar no ranking mundial de feminicídio. Cenário que se agravou ante o contexto pandêmico, posto que, isolada dentro de casa, a mulher tenha de conviver com o agressor – ademais da ameaça que representa um presidente abertamente misógino e o séquito por ele encarniçado.

No poema de Anna Apolinário, o eu lírico anuncia a treva que vem “fiar a febre”; é arrostando a peste, portanto, que assevera com gravidade de profetisa: “tenho a guerra alinhavada nas artérias”; entretanto parece que a esta guerra se arroga ônus mais geral, uma vez que, como observa a pensadora italiana Silvia Federici, “úteros se transformaram em território político, controlado pelos homens e pelo Estado” ou, para citar poeta constante desta antologia, a santista Ellen Maria Vasconcellos, “llevo balas en los ovarios”. Segue-se

– nem sempre adiante. Como lemos no poema de Manuella Bezerra de Melo, está-se “efetivamente viva/ por vezes, nem tanto” – de quantos fígados precisaríamos “pra filtrar todo álcool necessário” enquanto expectamos o esfacelamento de um país que nunca foi, mas que, em algum momento, pareceu ser?

Em meio aos escombros, às ruínas que mais e mais se afiguram intentadas, é desolador perceber que, como lemos no poema de Adelaide Ivánova, “não tem chico science não tem kurt cobain nem você mas FHC/ ainda tem”. Restar-nos-á apenas o farelo legado por um esquema neoliberal? Este é um país de ricos que se dão bem com a alta do dólar – inclusive o atual ministro da economia, em minúsculas – enquanto morre à míngua o povo? Se ressoa tempestivo o “animal expatriado” de Raquel Gaio, não soa menos apropriado em nossas bocas o outro lema, “mi soledad es mi bandera”, conforme o enuncia Ellen Maria Vasconcellos. Estamos abandonadas e abandonados às nossas próprias sortes nesse “país cuja bandeira/ Ostenta mortos no lugar de estrelas”, como está dito em “Sem face”, de Gledson Sousa.

E se “a doença dos Trópicos é ter o peito quente” – assim o lemos em “Estudante de direito” de Alex Sampaio Nunes –, ainda seguimos, engendramos o tempo da poesia. Nesse sentido, os versos finais do poema de Edson Krenak soam não apenas admoestadores, mas também propositivos: “não há eu, tu ou você,/ mas nós”, algo de que nos esquecemos com frequência, e que, entretanto, devemos ter sempre em mente caso desejemos continuar seguindo. Por exemplo: entre agosto

de 2020 a julho de 2021, perdeu-se de floresta amazônica uma área equivalente a nove vezes o tamanho da cidade do Rio de Janeiro – nunca se devastou tanto nos últimos dez anos –, índice de que nem sequer se considera a floresta como sendo parte constitutiva disso a que chamamos “nós”. Na hipótese de ser uma alternativa a isso o ato de “estabelecer pontos/ de contato”, de “inverter trânsitos”, como lemos no poema de Mariana Paim, talvez o gênero humano esteja deixando a desejar. Viria a calhar, aqui, aceitarmos como alvitre o verso de Natália Luna: “atrozmente tudo me diz respeito” – e, como atenuante, o de Kauan Almeida: “é compreensível que o amor seja também adiado”.

O refrigerio último será mesmo o conhecimento de que “nada/ resistirá à fome do tempo”, como nos lembra Roy David Frankel. Não ao ponto, entretanto, de nos impedir de forcejar contra o estado de coisas que se nos impôs, de estarmos convictos de que a história pode ser, como diz bell hooks, “interrompida, apropriada, e transformada através da prática artística e literária”. É ante – ou melhor, é contra – a noite purulenta que Diego Callazans pinta em seu poema, que tecemos essa teia que nos coube tecer, com as vozes que, malgrado a peste (ou talvez por causa dela) – que nos assola com diferentes caras ao menos desde 1500 –, puderam cantar nosso desejo de gozo, permanência e luta em uma terra que, como insiste o nome, tem o chão em brasa.

Augusto Meneghin

nasceu em Araras, interior do estado de São Paulo em 1987. Artista visual e poeta, publicou dois livros: O mar sem nós e Pluma e Imensidão.

[“Escrito em 2007 a partir de uma leitura do poema América, de Allen Ginsberg. Alicerçada na voz do poeta norte-americano, uma ressonância pôde ser estabelecida, de modo que a escritura se deu em dois dias, mantidos o sopro e o ritmo, ao mesmo tempo em que se realizou um transporte do continente América para o país Brasil.”]

BRASIL

dedicado ao falecido Ginsberg

Tudo, nos séculos, transformou-se incessantemente. Só ela, a classe dirigente, permaneceu igual a si mesma, exercendo sua interminável hegemonia.

Darcy Ribeiro

Brasil não sou um pão

Como andam suas novas meias?

Já descobriu o sentido de suas cores e palavras?

Brasil preciso de um colírio que me enjoe

Estou realmente apaixonado pelo Rio São Francisco

Você viu o que fizeram no regime militar?

Brasil eu te dou cem reais e você me devolve uma favela

Ontem mesmo alguém virou um número de balas perdidas

Brasil eu quero chorar mas você só pensa em rir

Será que você se algemou na TV?

Brasil eu não sei o que é justiça

Quando eu era pequeno assisti a copa de 94 e tudo

parecia mágico

Mas hoje sei que era apenas o sabor daquele misto-quente

Você sabe algum segredo?
Brasil você fabrica religiões
Será que as filhas são algum tipo de redenção?
Brasil suas crianças estão fodendo
Meus votos nunca decapitaram ninguém
Queria ver um quadro de Portinari sobre um massacre
no Senado
Brasil eu não sou um de seus cristãos
Há uma guerra entre os tucanos as estrelas e as forjas
Brasil seu samba não é mais negro
Foi você que comeu minha mãe e deixou meu pai sem
emprego na
Gaveta antidepressiva
& quando acabarem com nossos lagos?
Brasil você precisa transar com alguém
Precisa saber que isso não é uma piada e passar adiante
Brasil eu não sou louco
Sonhei que tinha uma ladeira cheia de poetas mortos
& eu gosto de seu Café
Brasil por que estou insatisfeito se já disseram que tenho
tudo que
Muitos não têm?

Brasil eu ainda quero chorar
Nunca li na escola um poeta Assassino ou Gay ou que
tivesse um
Vício Maldito (eu nunca soube)
Por que Brasil?
Sua porta é um grande arquivo de Secretaria
Eu nunca contei seus estados no mapa
Brasil eu quero seu cu
Não importa o que aconteça será sagrado
D. Pedro é um babaca e seu cavalo branco mentiroso
Brasil Tiradentes não é Jesus
Será que você assombrou a liberdade?
Por que ninguém traduziu o Mahabharata?
O Redentor combina com sorvete
Brasil você é uma novela das oito sem final escrito
Brasil eu sou angústia
Já me excitei com o amor triunfante de Caravaggio
Brasil é preciso fazer alguma coisa sem chamar os médicos
Meu câncer virá de suas chaminés de diamante
Brasil seu julgamento é uma hipótese
Você ainda não coroou as verdadeiras putas
Brasil você precisa de um conselho

Essa noite eu tive um sonho erótico com suas pradarias
Brasil porque é preciso morrer queimado na Amazônia
Porque eu estava vivo a partir de 87
& porque serafins me visitavam em Sodoma
Brasil eu amo São Paulo
Sou um garoto do interior que beijou Baudelaire e
abandonou as igrejas
O blues de Ray Charles me transformou em Clarividente
Brasil há muita dor
Nas entranhas de Brasília não existem violões
Brasil eu preciso de uísque
Não sou capaz de ser um trabalhador
Amanhã meu alfaiate vai tirar as medidas para meu
terno de
Defunto
Brasil descobri que sou um Mistério
O que realmente me incomoda é a vastidão dos oceanos
Vou sair para comprar um cigarro & já volto
Brasil suas ampolas são metafísicas
Já cortei o cabelo em um Barbeiro Embriagado
Brasil eu não conheço o seu sexo
Brasil eu queria uma farmácia cheia de floriculturas

Brasil eu queria uma farmácia cheia de poemas
Os pardais não parecem brasileiros
As Academias são manicômios da Igreja
As Igrejas são manicômios da Miséria
Brasil eu desejo um paradoxo
Quero Augusto dos Anjos em versos brancos
& morar na Sombra de sua Melancolia
& ser agarrado pela Noite sem sapatos
& me afogar no mar poluído da Separação
& dançar até o Apocalipse
Das crianças mortas

Lubi Prates

(São Paulo, SP), é poeta, tradutora, editora e curadora de Literatura. Tem três livros publicados: coração na boca, 2012; triz, 2016; um corpo negro, 2018. Este, contemplado pelo PROAC com bolsa de criação e publicação de poesia, foi finalista do 4º Prêmio Rio de Literatura e do 61º Prêmio Jabuti; foi traduzido e publicado na Argentina, na Colômbia, na Croácia, nos Estados Unidos e na França; encontra-se no prelo, para vir a lume na Espanha, na França, na Itália e na Suíça. Tem diversas publicações em antologias e revistas nacionais e internacionais. Coorganizou os festivais literários para visibilidade de poetas, [eu sou poeta] (São Paulo, 2016) e Otro modo de ser (Barcelona, 2018) e participou de outros festivais literários no Brasil, em outros países da América Latina e da Europa. É sócia-fundadora e editora da nosotros, editorial e da nossa editora e é editora da revista literária Parênteses. Traduziu Poesia Completa, da Maya Angelou, e Zami: uma biomitografia, da Audre Lorde. Dedicou-se a ações que combatem a invisibilidade de mulheres e de negros. Atualmente é doutoranda em Psicologia do Desenvolvimento Humano, na Universidade de São Paulo.

PARA ESTE PAÍS

para este país

eu traria

os documentos que me tornam gente

os documentos que comprovam: eu existo

parece bobagem, mas aqui

eu ainda não tenho esta certeza: existo.

para este país

eu traria

meu diploma os livros que eu li

minha caixa de fotografias

meus aparelhos eletrônicos

minhas melhores calcinhas

para este país

eu traria

meu corpo

para este país
eu traria todas essas coisas
& mais, mas

não me permitiram malas

: o espaço era pequeno demais

aquele navio poderia afundar
aquele avião poderia partir-se

com o peso que tem uma vida.

para este país
eu trouxe
a cor da minha pele
meu cabelo crespo
meu idioma materno
minhas comidas preferidas
na memória da minha língua

para este país

eu trouxe

meus orixás
sobre a minha cabeça
toda minha árvore genealógica
antepassados, as raízes

para este país

mas minha bagagem pesa tanto.

Um corpo negro, 2018

Jefferson Dias

vive e trabalha em Ribeirão Preto, SP. É autor dos livros de poesia Último festim (Multifoco, 2013), Silenciosa maneira (Medita, 2015, mediante ProAC) e Qualquer lugar (Editora Primata, 2020), bem como da plaquete Políptico apocalíptico (Editora Primata, 2021). Tem poemas, contos, traduções e resenhas publicados em periódicos e portais de literatura, como euOnça (editora Medita), Caliban, Literatura & Fechadura, Germina, Ruído Manifesto, Ponto Virgulina, TriploV, Gazeta de Poesia Inédita, Opiniões, Torquato, Mallarmagens, Poesia Avulsa, Aboio e Frentes Versos.

[“Este poema integra série a que o autor chamou *Mitomania*, em que vem trabalhando desde 2018. Ademais do obsedante pano de fundo sociopolítico, assinala-a um entendimento acerca da temporalidade brasileira, que não se afigura senão estanque – o passado se faz presente e o futuro, adiado sempre. Nesse sentido, pareceu-lhe profícua a elaboração a partir de chave mitológica. O que parece paradoxo se solve ante a volatilidade ou mesmo a inexistência das relações de anterioridade, simultaneidade, posterioridade – tudo está aí.

Assim, em “Cântico pré-apocalíptico redux”, a citação de Monteiro Lobato e as paráfrases de “A flor e a náusea” imiscuem-se organicamente, concorrem para o engendramento de uma mitologia em andamento. A “carniçaria no apogeu” opera, por exemplo, a remissão às duas grandes guerras e, entrementes, indicia a mortandade desembastada decorrente da maneira negligente com que o Estado brasileiro se ocupa da pandemia de coronavírus.

Em última análise, está em causa o descalabro de nossa vida pública. De mais a mais, no plano geral, articula-se a noção do menoscabo: “a civilização vai desabar sobre os selvagens” e estamos “debaixo de nossos edredons” (ainda que “de sete palmos de terra”). Quando o poeta escreveu este cântico, a secretária especial da cultura (em minúsculas) acabara de asseverar: a cultura no Brasil é o peido pejado de talco do palhaço.”]

CÂNTICO PRÉ-APOCALÍPTICO

Há o medo:

Nosso pai

Treva gastrópode

E

A carniçaria no apogeu

O clarão dos incêndios

Os estouros dos obuses

O desconsolo do gás asfixiante

A selvageria dos modos mais civilizados de matar

Crimes do século

Tomamos parte em muitos e os achamos

Belos

Debaixo dos nossos edredons

De sete palmos de terra.

(As pessoas estão menos livres

Não levam jornais – há papel mais higiênico

mais terno –

Nem soletram o país – não sabem o que perderam –

Muitas jazem

Com um tiro na nuca.)

É um momento muito especial
Quando única e exclusivamente,
Pela graça e bondade do senhor
Ele nos supriu com a máquina helicóptero.

Galinhas em pânico

Giram taciturnas pelo centro da cidade

Atrás o rastro de muco

Sacam a faca sem ponta o punhal embotado e

O fantasma respira no porão

Galinhas em pânico

Carregamos

Atados às costas nossos fêretros

Em nossas motocicletas ruidosas

Mais que o amor –

Refulgentes

Mais que um marmitex.

(Estão abolidos os apertos de mão.)

Há o cheiro dos ossos

Como não houvessem mapas –

Nem sequer os ratos na praça,

Mas sim o eco

Mais insólito que uma gentileza.

É um momento muito especial

Esfrangalham os céus as hélices

da esperança

Lá de cima é possível escolher melhor

Quem morre quem não

O missionário anuncia: vamos à última aldeia

Cá de cima lançaremos bombas

Airosos civilizados obuses.

No meio da rua como um pulmão

Galinhas em pânico rodopiam

Não são pessoas

Muitas apenas lamentam

Muitas já repousam

Com um tiro na nuca –

A civilização vai desabar sobre os selvagens

O fino talco

Bruno Brum

nasceu em Belo Horizonte, em 1981. É poeta e designer gráfico. Publicou os livros Mínima ideia (2004), Cada (2007) e Mastodontes na sala de espera (2011, vencedor do Prêmio Governo de Minas Gerais de Literatura, na categoria Poesia, em 2010). Tem trabalhos publicados em periódicos e antologias no México, na Argentina, no Peru, no Paraguai, na Espanha e nos EUA. Em 2018, a Antônima Cia. de Dança apresentou em São Paulo o espetáculo Isso ainda não nos leva a nada, inspirado no livro Mastodontes na sala de espera. Vive em Monte Santo de Minas.

MEDIDA

Vivo o que se pode chamar de uma vida média.

Na escola, sempre me esforcei para alcançar a média.

No trabalho, sempre fui um funcionário médio.

Meu desempenho nos esportes nunca excedeu a média.

Fui um marido médio, um amante médio, um filho médio.

Sou um sujeito de mentalidade mediana.

Com alguma sorte, me mantive na média.

Tenho um fôlego de alcance médio.

Fico constrangido com a possibilidade de ultrapassar
a média.

Nunca esperei das pessoas nada além da média.

Penso o que pensa o brasileiro médio.

Antipatizo com aqueles que pairam acima da média.

Meus medos e receios sempre estiveram dentro da média.

Meus sonhos de consumo nunca fugiram à média.

Meus desejos e fantasias estão todos na média.

Os meus ossos, se bem organizados, caberiam numa caixa
de tamanho médio.

Sabrina Alento Mourão

é piauiense radicada em Pernambuco, editora da Micélio e escritora. Como escritora publicou dois livros de contos e um de poemas, respectivamente: In Vivo (Livrinho de papel finíssimo, 2017), O estágio mais rudimentar do fim (Castanha mecânica, 2020) e Ponto crítico da noite (Editora Micélio, 2020). Colaborou com revistas como Acrobata, Mallarmagens e Vacatussa.

[“‘how to make brazil great again google search’ foi escrito no ano de 2019, quando eu pretendia escrever um livro de poemas-piadas sobre o Governo e seus aliados, sobre a situação socioeconômica do país, o desmonte da educação e a violência policial. Esse poema me diverte e me preocupa. Hoje, no ano pandêmico II, o humor foi engolido pelo fedor de carne apodrecida.”]

HOW TO MAKE BRAZIL GREAT AGAIN GOOGLE SEARCH

Um blogueirinho carioca nasceu com uma rara condição: quando embrião, sofreu uma mutação na região bucal que fez com que a boca se transformasse em outro ânus, condição esta conhecida pela ciência como Sofazmerda.

A sociedade carioca, compadecida da situação, lhe recompensou com 26 anos de bicos em um órgão público para que ele pudesse arcar com uma plástica para corrigir essa sua particularidade: esteticamente, a cirurgia conseguiu simular uma boca, mas a condição de dupla defecação persistiu.

O blogueiro, sofrendo a crise da meia idade, sofrendo a folga de ser uma pessoa inútil & de sucesso, decidiu arranjar uma confortável cadeira gamer que lhe desse um jeito no espinhaço e que lhe permitisse fazer lives retrofuturistas

com dicas de bregueza.

A cadeira, entretanto, era muito rara
e só tinha em uma região quase inóspita do querido

Tupinicountry,

num cerrado onde a umidade relativa do ar
faria o cu do Saara cair da bunda.

A cadeira era o prêmio do famoso
concurso quadrienal de blogueiros,
cujos critérios, apesar de questionáveis,
não eram questionados.

Motivado a ganhar a cadeira gamer,
nos meses que antecederam o concurso,
o blogueiro atirou para todos os lados
e se destacou com suas dicas de alimentação saudável

& moda:

a receita de pão com leite condensado
e a dica fashion de usar uma camisa de time de futebol
para cada dia da semana
fizeram um sucesso estrondoso entre o público
que não entendia bem qual o propósito do concurso.

E como o céu é o limite & quem não arrisca não petisca,
o blogueiro fez uma irreverente pegadinha
que levou o público à loucura:

o vídeo “fingi que levei uma facada e olha só no que

deu kkk ”

foi top trend nas redes sociais

e foi o tiro de misericórdia na concorrência.

A vitória do blogueiro no concurso
fez com que muitas pessoas com condições semelhantes
à sua

se sentissem representadas,

passassem a exigir legitimidade,

e reivindicassem o título de maioria,

além de só quererem que vivesse em Tupinicountry
aqueles que tivessem a condição de Sofazmerda.

Nos últimos tempos, o concurso quadrienal de blogueiros
tem sido alvo de discussões,

pois a impressão que se tem é que a cadeira é só de enfeite:
dizem por aí que os amigos do blogueiro ligaram o console
e entregaram o controle desplugado para ele,
enquanto outros analisam que

ele é o pior streamer de games violentos que já existiu.

As teorias são muitas,
mas há uma unanimidade no mundo
entre os fãs de jogos de realidade aumentada:
a de que o Brasil não é para iniciantes.

Wilson Alves-Bezerra

(São Paulo, 1977) é poeta, tradutor, crítico literário e professor de literatura latino-americana no Brasil. Em Portugal publicou Exílio aos olhos, exílio às línguas (antologia, Oca, 2017), O Pau do Brasil (poemas em prosa, Urutau, 2018) e Necromancia Tropical (poemas, Douça Correria, 2021). Seus poemas têm sido difundidos em revistas portuguesas, como InComunidade, TRIPLOV e Caliban. O programa A Vida Breve, de Luis Caetano, da RTP Antena 2, tem transmitido sua poesia desde 2018.

[“Este poema, parte do livro *Necromancia Tropical* foi escrito e publicado pela primeira vez em abril de 2020, nos primeiros tempos da pandemia de covid 19, no início do genocídio ao qual o povo brasileiro tem sido submetido por conta da gestão criminosa de seu presidente, Jair Messias Bolsonaro.”]

O SÉTIMO SELO

Foi no tempo da peste
que aquele homem agreste,
os lábios oprimidos, de tão juntos,
mostrou gostar de defuntos
e se pôs a predicar:
aqui ninguém morreu.
Essa gripezinha não vai me pegar,
com minha história gloriosa
não tem nada que possa me deter.
Vamos escolher seguir em frente.
A economia não pode parar.

Foi no tempo da peste
que aquele homem agreste
deu o beijo da morte:
e tombou Marielle,
e tombou Bebiano,
e tombou Adriano,
e então ele saiu para abraçar o povo.

De novo
cuspiu,
beijou,
vociferou.
E cada perdigoto fez defunto tombar.
Aqui não aconteceu nada.
Cada um para sua casa.
Aqui ninguém morreu.
E se morreu foi acidente,
ou foi o acaso.
O único caso suspeito é o meu.
Quem mandou me matar
e falhou?
E tinham mesmo que morrer trinta mil.
Sem uma guerra civil,
o que será de nós?

Foi no tempo da peste, repito,
que aquele homem agreste, com os lábios tão juntos
nos obrigou a contar defuntos,
para dar de ombros no fim do dia,
com uma piada,

com uma mentira,
com uma risada sinistra,
enquanto na beira do túmulo você chorava
e corpos se amontoavam
em contêineres,
em sacos,
em valas comunitárias,
em frigoríficos.
Ele dizia: isso logo passa.
Não tem pandemia.

Foi no tempo da peste, o tempo de hoje,
quando o céu arvorou-se
a chover esperança,
que ele vinha e gritava:
trabalhar!
Trabalhar se não tudo cai no meu colo.
Todo mundo há de morrer um dia.
Quem há de temer a chuva?
Bota uma capa e vem para chuva também.
O que importa é a economia.
E eu juro, havia vozes que diziam:

amém.

Foi no tempo da peste,
num domingo,
que ele subiu na caminhonete
e disse:
vamos acabar com a bagunça
eu tenho o exército
e vocês contem comigo
Eu mato.
Eu atiro.
Eu não negocio.
Contem com o seu presidente.
E tossia.
E morria.
E matava aos poucos.
E eu morria também.
E eu juro que eu ouvia:
amém.

Foi no tempo da peste,
as pessoas tinham fome.

As pessoas não tinham comida.
As pessoas não tinham gás.
As pessoas só podiam era olhar a tevê.
Ou olhar para trás.
E ver
Satanás nos olhos do Messias:
Vocês querem que eu faça o quê?
Todo mundo vai morrer um dia,
ele dizia.
E dava as costas.
E falava da sua caneta.
Dos seus filhos.
E ia se afastando
e grunhindo baixo
arrastando o rabo
com seu cheiro putrefato.
Com seu orgulho de atleta.
E repetindo:
só vão morrer os velhos.

Foi no tempo da peste,
a cornucópia de mentiras do homem agreste

infectava as crianças com ranho
e elas se riam dele.
E davam apelidos ao palhaço da tevê
E diziam Bozinho,
Bonorinho,
Bolsonarinho
e se riam.
E imitavam o palhaço da tevê.
E as crianças logo cedo morriam também
daquele vírus que só matava velinhos.

Foi no tempo da peste,
na hora mais dura,
que ele dizia:
E daí? Não foi nada disso.
Tem muita mentira.
Porque ninguém morreu.
Ontem estávamos voando.
Éramos a primeira economia.
E ninguém ia nos deter.
Minha filha,
a culpa é da China

dos comunistas.
O povo está comigo.
E eu vou abraçá-los.
Porque o povo sou eu.
E caem.
Eu sinto que caem e eu ouço e eu gosto.
Mais cinco mil nessa fossa.
E é tudo mentira.
E sempre mentira.
Fake News é a nova bossa nova.
O covid é o coração do Brasil.

Foi no tempo da peste,
foi hoje cedo,
que ninguém morreu.
Morreu só um.
Morreram cem.
Morreram mil.
Morreram dois
três
quatro
cinco mil.

E mais quinhentos depois.

E daí?

Não sou coveiro.

Não sou messias.

Não sou presidente.

Não sou nem gente.

A constituição sou eu.

Foi no tempo da peste

e não vieram tanques

e não vieram deuses

e não vieram anjos

os terroristas não vieram

nem a extrema esquerda o sequestrou

e nem ninguém meteu-lhe uma bala na testa

não teve festa na cobertura

não teve churrasco de formatura

não teve orgia na casa de cultura

e nem unicórnios vieram

porque

aparentemente

a esperança era uma cama vazia

sem oxigênio

num hospital apinhado de corpos

com uma tevê

em que passava

mais um discurso do presidente

morrendo

te fazendo morrer

no tempo contínuo da peste.

Necromancia Tropical, 2021

Susy Freitas

nasceu em Manaus, Amazonas. É escritora, crítica de cinema e jornalista. Graduada em Letras - Língua Inglesa e Comunicação Social - Jornalismo, também é Mestra em Ciências da Comunicação pela Universidade Federal do Amazonas (Ufam). É uma das editoras da Revista Torquato, publicação amazonense com foco em literatura e artes visuais. Publicou os livros Veu sem voz (Bartlebee), Alerta, selvagem (Patuá, vencedor do Prêmio Literário Cidade de Manaus) e Carrego meus furos comigo (Urutau). Tem textos em prosa e poesia publicados em revistas literárias do Brasil, México e Grécia, além de ensaios e artigos sobre cinema e crítica cinematográfica em periódicos e livros da área..

[“O poema “Não pelo nado” foi escrito em março de 2021, enquanto grande parte do Brasil enfrentava a maior crise sanitária e hospitalar de sua história devido à má gestão da pandemia de Covid-19 pelo governo do presidente Jair Bolsonaro. Dois meses antes, Manaus, capital fincada no meio da floresta amazônica e ignorada pelo poder público, foi o prenúncio desse cenário de guerra, com pessoas morrendo por falta de oxigênio nos hospitais e números nunca antes vistos de casos e mortes causados pelo vírus até então, amplificados pelo apoio irrestrito das autoridades ao uso de medicamentos sem comprovação científica no tratamento ou prevenção da doença.”]

NÃO PELO NADO

Você pode boiar na piscina
do clandestino.
Essa é a sua placenta.
O seu momento.
O seu caixão.
Você pode tomar o último gole.
Estourar os miolos no amplificador
entre o espacate glorioso
e o som do k-pop.
Você pode surfar a cento e trinta por hora
e pavimentar todo o esquecimento
na AM-010.
O vento na fuça
e por dentro da cara
o vírus.
Você pode ordenhar cana e petiscos
do Zé Delivery
e provar no refluxo
o tempero da aniquilação.

Você pode tudo
mas a cidade ainda tem cheiro de morte.
Manaus se adorna e se despe
abre as pernas para o brunch
e o mesmo pôr do sol
faz bico de extra
na timeline de caboclas assintomáticas.
A #resiliência parece mesmo
uma loura odonto saindo da Live?
A #resiliência sua como que febril
e arfa como quem se afoga?
Louras odonto podem tudo
mas a cidade ainda tem cheiro de morte.
O ruído das sirenes entranha nas roupas
por mais que você decrete que a vida continua
porque a vida continua mas nela as ausências.
Uma cidade sem velhos
um desfalque sem adeus.
A vida continua
entre as ondas não pelo nado
mas pela deriva.

Bruna Kalil Othero

é escritora, performer e pesquisadora. Mestre em literatura brasileira pela UFMG, pesquisou a literatura erótica-pornográfica de Hilda Hilst. Autora das obras de poesia Oswald pede a Tarsila que lave suas cuecas (2019, premiado pelo Ministério da Cultura), Anticorpo (2017), Poétiquase (2015), e do livro-objeto de ficção Carne (2019). Organizou as coletâneas A Porca Revolucionária: ensaios literários sobre a obra de Hilda Hilst (2018) e Poéticas do devir-mulher: ensaios sobre escritoras brasileiras (com Constância Lima Duarte e André Magri, 2019). Seu livro inédito Tinha um Pedro no meio do caminho foi premiado pela Secretaria Especial de Cultura (2019).

[“Escrever o poema “Oswald pede a Tarsila que lave suas cuecas” foi desafiador porque é o texto que dá nome ao livro. Lembro que o corpo do poema surgiu a partir da observação do cotidiano ao meu redor – homens nunca limpam a própria bagunça, nem o próprio suor. Mas até então o texto não tinha título. Quando pensei no Oswald, o ícone modernista, pedindo à Tarsila, a maior pintora da nossa história e também sua primeira esposa, que lavasse suas cuecas, tudo se encaixou: era essa a imagem que eu queria no título da obra e também nesse poema em particular. A cueca suja traz muitos signos em si, simboliza o machismo e a preguiça masculina ao mesmo tempo que transfere o olhar dos leitores e das leitoras para o baixo ventre, coisa que eu a-do-ro. Machos, pel’amor de deus, ninguém merece cueca borrada! Espero que esse poema e esse livro contribuam para a higiene íntima dos brasileiros.”]

OSWALD PEDE A TARSILA QUE LAVE AS SUAS CUECAS

os homens dominam o mundo há séculos
e não conseguem lavar as próprias cuecas.
limpar, com suas mãos, os suores produzidos:
esse gesto mais íntimo no âmago do corpo.
o pai usou a mesma cueca dois dias seguidos
porque as outras estavam sujas.
é que ele trabalha muito, filha.
os homens dominam o mundo
há séculos.
você também trabalha muito, mãe.

Oswald pede a Tarsila que lave suas cuecas, 2019

Paula Abramo

(Cidade do México, 1980) filha de pai brasileiro e mãe mexicana, é poeta e tradutora, radicada no México. O seu livro Fiat Lux (2012) recebeu o prêmio de poesia Joaquín Xirau Icaza, outorgado pelo Colegio de México. Traduziu do português para o espanhol mais de quarenta livros, de autores como Clarice Lispector, Luiz Ruffato, Gonçalo Tavares, Angélica Freitas, Ana Luísa Amaral e Sophia de Mello Breyner Andresen, entre outros. Em 2019 recebeu o Premio Bellas Artes de Traducción Literaria Margarita Michelena.

[“O poema parte de uma entrevista que meu avô, Fúlvio Abramo, concedeu à revista Teoria&Debate em 1987, em que ele, lembrando a organização da Frente Única Antifascista em 1934, conta que, no dia da Batalha da Praça da Sé ‘Quem levou as armas para nós foi a minha mulher, Ana, que era operária em uma fábrica de fósforos’. Partindo dessa informação, tentei imaginar como teria sido o ingresso da minha avó na fábrica, talvez quando ainda era menor de idade, numa época em que sequer existiam direitos trabalhistas no Brasil. O poema parte de uma pesquisa sobre o processo de produção dos fósforos no Brasil de inícios do século XX e se apropria parcialmente do texto do Génesis e de propagandas antigas da companhia Fiat Lux.”]

EN MEMORIA DE ANNA STEFANIA LAUFF, FOSFORERA

*la palabra alegría no dice
salto al centro del charco sol abierto
no dice inmersión matutina en tu iris
flores de jacaranda arriba y abajo no dice
mira ahí está el mar no hunde los pies
en la arena cada tanto
no sabe al primer sorbo del café de cada día
la palabra dolor
tendría
que prohibirse
quien escribe dolor se obliga
a aclarar
dónde y cuándo y por qué y si irradia
punza corta hiede o raspa por adentro o por afuera
o ambas
o si desemboca por ejemplo en unas ganas locas de
/romperse
todo contra un muro
o en discreta náusea*

o en el absoluto pasmo del reptil que siente al gato
de lo contrario
es caligráfico desagüe de la culpa
fácil justificación del verso
en cambio
la palabra cerillo
algo tiene de breve y fricativa
dos o tres dedos que se unen la palabra
fósforo
algo dice de incendio pequeño
pero ninguna de las dos explica verbi gratia que:

In principio creavit deus caelum

et terram.

Terra autem

erat

inanis.

Dixitque deus:

Produtos tradicionais da Companhia *Fiat Lux*
de fósforos de segurança,
há mais de vinte anos fabricando
e distribuindo
fósforos
em todo

o Brasil.

Dixit quoque deus:

Por la niña, la mitad: salario del menor,
menor salario,
y en una de esas, si persevera
y paga
un cursito de dos años
se convierte en aprendiz de fosforera.
No cualquiera.

Dixit vero deus:

Marca Olho,

Pinheiro

e Beija-flor.

Refratários à umidade

do nosso clima

traíçoeiro.

Tum ait:

Además

no habla

portugués,

y el país del que viene

quién sabe
si existió alguna vez.

Dixit quoque:

Confie na mais alta
qualidade
da indústria sueca.

Atque dixit:

¿Fosfonecrosis?
Tonterías.
Antimonio,
clorato de potasio
y alotropías
rubicundas
del elemento
más fundamental.
Su hija sólo va a moler
un poco
de cristal.

Ait etiam:

Palitos de embaúba,
vários portes.
Caixinhas com belos

desenhos
coleccionáveis.

Dixit vero:

De ocho a seis.
que traiga su comida.
O dinero.

Dixitque deus:

Fiat Lux:
pensando sempre
nas nossas meigas
e faceiras
donas de casa
brasileiras.

Fiat Lux, 2012

Edimilson de Almeida Pereira

(Juiz de Fora, MG, em 1963) é poeta, ensaísta, autor de literatura infanto-juvenil, professor na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora. Publicou, dentre outros, Entre Orfe(x) u e Exunouveau: análise de uma epistemologia de base afrodiaspórica na Literatura Brasileira (Azougue, Rio de Janeiro, 2017), Guelras (Mazza, Belo Horizonte, 2017), E (Patuá, São Paulo, 2017), Poesia+ antologia 2015-2019 (Ed. 34, São Paulo, 2019). Sua obra de ficção inclui O Ausente (Relicário, Belo Horizonte), Um corpo à deriva (Edições Macondo, Juiz de Fora) e Front (Nós Editora, São Paulo), publicações de 2020.

[“O poema l’Harmattan nasceu de uma série de encontros que tive com imigrantes senegaleses, a partir de 1995, em aeroportos e ruas de diferentes países. Por duas vezes, pelo menos, quando fui agressivamente revistado em aeroportos internacionais, tive a companhia de algum viajante senegalês. Em várias ocasiões conversamos sobre a imigração e as dificuldades de readaptação em país estrangeiro. Retomei esse tema em poemas de outro livro inédito.”]

L’HARMATTAN

FEVEREIRO 1995 saúdo o casal senegalês no aeroporto de TORONTO, ainda não sinto a sucessão de encontros que nos aguarda na ÁFRICA-MUNDO – fosse SÃO PAULO –
– salue, mon frère, vous regardez le feu? – ROMA –
vous avez une copine? – BUENOS AIRES – au borde de mon pays la fièvre – NEW YORK – nous sommes les homeless – MILANO – la police avance sur les corps –
GENÈVE – il’ya une autre histoire sur les voyages – LIMA –
– vous reconnaitres vôtres visages? – LISBOA – vous habitez à SÃO PAULO? – FOSSE ONDE A NOITE se recolhesse,
ali onde a fome esgrima, haveria o que nos dizermos.

Quem sabe a odisséia se senta à nossa mesa e estende os braços aos lamantins?

Prisca Agustoni

*nasceu na Suíça. Formou-se em Letras Hispânicas e Filosofia na Universidade de Genebra. Desde 2003 vive no Brasil, onde trabalha como tradutora e professora de literatura italiana e comparada na Universidade Federal de Juiz de Fora. Escreve e se autotraduz para o italiano, o francês e o português, com algumas incursões no espanhol. Suas publicações mais recentes foram *Lingua sommersa (Itália, Isola, 2021)*, *O mundo mutilado (São Paulo, Quelônio, 2020)* e *L'ora zero (Pordenone, ITÁLIA, Lietocolle, 2020)*.*

[“Esse poema faz parte de uma sequência de poemas dedicados à problemática dos migrantes contemporâneos que chegam às fronteiras da Europa via barco. Muitos deles ficam por meses, anos, estacionados em campos de espera, à espera de alguma autorização ou de algum papel.

Torcendo para não serem reenviados de volta. Queria refletir um pouco, em versos, sobre essa condição de total desamparo linguístico, social, afetivo, simbólico, essa perda de uma noção mínima da palavra ‘amanhã’. A leitura do livro *Passare ad ogni costo*, de Didi-Huberman (Bellinzona, Casagrande, 2018) foi importante para refletir sobre aspectos relacionados à condição dos migrantes nos campos de espera.”]

(NÃO SABEM OS ANJOS)

Não sabem que são anjos
os anjos que vivem conosco no campo:
acostumados a remexer no lixo
sabem do estômago a fome,
do músculo as câimbras.

Reviram as línguas
como frutos caídos
cariados no chão, na torre
dessa babel horizontal

aqui, onde o latim eslavo
estala suas sementes
que florescem tardias

e no fígado do dia
destilamos
nosso álcool

Patrícia Lavelle

é poeta, tradutora e professora do Departamento de Letras da PUC-Rio, doutora em Filosofia pela École de Hautes Études en Sciences Sociales de Paris. Estreou em poesia com Bye bye Babel (7Letras, 2018, primeira menção honrosa no Prêmio Cidade de Belo Horizonte). Em colaboração com Paulo Henriques Britto, organizou O Nervo do poema. Antologia para Orides Fontela (Relicário, 2018). Tem contribuído com poemas próprios, traduções e autotraduções para revistas francesas, como Po&sie e Place de La Sorbonne. Para a revista brasileira Cult, fez a curadoria da série "Arcas de Babel", que reuniu traduções de poesia de diversas línguas para o português. Publicou e organizou livros de ensaios no Brasil e na França, onde viveu entre 1999 e 2014, entre os quais sua tese de doutorado: Religion et histoire: sur le concept d'expérience chez Walter Benjamin (Cerf, 2008).

["Não sou bilíngue desde a infância. O francês é uma língua que aprendi na juventude e só se tornou língua de adoção, na qual também escrevo, quando nela precisei aprender, ainda mais tardiamente, uma outra língua, o alemão. Instalou-se assim um nó que este poema tenta desatar. Ele faz parte de *Bye bye Babel*, projeto e processo de escrita que surgiu do desejo de retorno e de sua impossibilidade."]

PALAVRA ESTRANGEIRA

Entre palavras e coisas,
há sempre alguma distância:
na palavra, a coisa é outra
na coisa, a palavra nem é.
Mas essa coisa sonora,
que a palavra é também,
é uma forma de armadilha
pra pegar uma outra coisa.

Preso em palavra estrangeira,
uma coisa é ainda mais outra
menos diversa dela mesma
que do meu próprio silêncio.

Mas a palavra estrangeira
que tardiamente apreendi
em prévia palavra estrangeira
torna-se coisa ainda mais diversa
prendendo-me assim à primeira.

Coisa apreendida no tempo,
toda palavra é armadilha
onde eu, ela ou isto
(a coisa pensante = X)
capturada, captura-se:
toda palavra é estrangeira.

Bye Bye Babel, 2018

Luiza Romão

*é poeta e atriz. Mestranda em Teoria Literária e
Literatura Comparada na Universidade de São
Paulo. Autora de Sangria e Coquetel Motolove
(publicados pelo selo do burro) e Também
guardamos pedras aqui (no prelo). Há anos participa
da cena de slams e saraus da cidade de São Paulo.
Investiga as imbricações entre poesia, performance
e cinema.*

["Esse poema foi bem processual. Levei alguns meses trabalhando sobre algumas imagens e sonoridades, como a do AI5 e do pau-brasil, tateando as formas de tramar as violências sexuais e de gênero. A gota d'água foi o estupro coletivo praticado por 33 homens no Rio de Janeiro, em 2016. Esse caso me atravessou completamente e o poema nasceu alguns dias depois."]

DIA 1. NOME COMPLETO

eu queria escrever a palavra br*+·%
a palavra br*+·% queria escrever eu
palavra eu br*+·% escrever queria

BRASIL

eu queria escrever a palavra brasil

aquela em nome da qual
tanto homem se faz bicho
tanto bandido general

aquele em nome de quem
a borracha vira bala

a perversidade qualidade de bem

aquela empunhada em canto
atestada em docs
que esconde pranto
mãe do dops

eu queria escrever a palavra brasil
mas a caneta
num ato de legítima revolta
feito quem se cansa

de narrar sempre a mesma trajetória
me disse “PARA
e VOLTA
pro começo da frase
do livro

da história
volta pra cabral e as cruces lusitanas
e se pergunta
DE ONDE VEM ESSE NOME?”

palavra-mercadoria
brasil
PAU-BRASIL

o pau-branco hegemônico
enfiado a torto e a direito

suposto direito
de violar mulheres
o pau-a-pique
o pau-de-arara
o pau-de-araque
o pau-de-sebo
o pau-de-selfie
o pau-de-fogo
o pau-de-fita
O PAU
face e orgulho nacional

A COLONIZAÇÃO COMEÇOU PELO ÚTERO
matas virgens
virgens mortas
A COLONIZAÇÃO FOI UM ESTUPRO

pedro ejaculando-se
dom precoce
deodoro metendo a espada
entre as pernas
de uma princesa babel

costa e silva gemendo cinco vezes

AI AI AI AI AI

getúlio juscélino geisel

collor jânio sarney

a decisão parte da cabeça

do membro ereto

de quem é a favor da redução

mas vê vida num feto

é o pau-brasil

multiplicado trinta e três vezes

e enterrado numa só garota

olho pra caneta e tenho certeza

não escreverei mais o nome desse país

enquanto estupro for prática cotidiana

e o modelo de mulher

a mãe gentil.

Sangria, 2017

Jesús Montoya

Venezuela / São Carlos, São Paulo

[“Este poema es una reescritura y transposición entre los textos “Hijos de la época”, de la poeta Wisława Szymborska, y “Cabalgaduras”, del poeta Wilson Alves-Bezerra.”]

CÚMULO

Wisława, nós, venezuelanos,
somos filhos da épica,
e a épica é patética.
Não é da métrica,
não é da ética
o nosso rio.
Não.
Nosotros, los brasileños, somos hijos
de una brutalidad atípica,
hueca, Szymborska.
Hoscas (urnas) noticias
adiestran este hablar.
Nuestros velados están áticos,
túnicos, jamás
tónicos para decir.
Somos hijos de una errática
mandíbula, y titánica es la época:
con sus maletas
por Pacaraima

la vimos salir.

Nós, venezuelanos, somos ilhas idas.

Não medidas.

Não mãos esquecidas.

Nadie suele,

apenas preguntar

sin escucharnos

maldecir.

Por qué terrícolas

pérolas petroleas

– nos murmuran –

han venido,

pero no entendemos.

No sabemos

cuando crudos

nos exigen:

guardar una mano

para enseñar la otra,

tumbar a un tísico

para montar

al otro.

Nós, venezuelanos,

já não falamos,

já não rimamos,

já não.

Somos hijos de la arsénica,

y ya no tenemos una lengua,

sino arterias varias:

allí

sangres se oyen como

vacas que mullen entre.

Nós, venezuelanos,

somos lábios da mueca,

y cuando combinamos

ripias riendas

cabalgamos, solos,

esta estética

voluntad

de vomitar:

pero nuestras arcas

son mornas,

no normas,

son orlas,

no formas,
son olas
faladas
cuando
el sol
calla
y
nuestras madres
nos caracolan
nos inventan
verbos
que esquecimos
en el aliento
(curvilíneo)
de las sirenas
de plata
es por ella
que trabajo
que a gladiolo
ya le dije,
que a Wisł awa
el ojo que me escucha

le traduce:
somos hijos de la época
y la época
no es única,
ni una canica
ni nada que imbrica
esta rotura
por arriba
por abajo
quando nós, brasileiros,
calamos o que
o presidente diz,
por vergonha,
por masmorra,
pelas porcarias
que lubrican
sus encías
mudas
somos hijos de la época
y turbia es paralítica
no nos deja
reír

ni hurgar
ni remar
una sílaba
liminar
impublicable
intrascendente
somos hijos
de esta réplica
reciclada
casi impúdica,
quase.

Tarso de Melo

de Santo André, São Paulo, é poeta e ensaísta, doutor em Filosofia do Direito pela Universidade de São Paulo. Autor dos livros Íntimo desabrigo (Alpharrabio, Dobradura, 2017), Dois mil e quatrocentos quilômetros, aqui (com Carlos Augusto Lima; Luna Parque, 2018) e Rastros (martelo casa editorial, 2019), entre outros. Organizador de diversas obras coletivas, como Sobre poesia, ainda: cinco perguntas, cinquenta poetas (Lumme, 2019) e Antologia Poética CULT (2019), e curador de atividades literárias em São Paulo.

TODA SENTENÇA É UM ANTIPOEMA

Parece que foi preso 60 pessoas. Todo mundo era claro.

De preto só tinha o Rafael. Todo mundo foi solto.

Só o Rafael foi condenado.

Adriana de Oliveira Braga

[“Rafael Braga Vieira é um jovem negro brasileiro como tantos outros. Foi réu em processo criminal como tantos outros. Foi condenado como tantos outros. Após um processo como tantos outros. O texto foi retirado, em protesto e homenagem, de uma sentença como tantas outras. Como tantos outros brasileiros, o destino desse jovem negro preso, com o processo em que foi condenado e as palavras todas da sentença, é ser varrido para debaixo do tapete da banalização e do esquecimento. Adriana de Oliveira Braga é a mãe de Rafael. Seu CPF é 148.955.027-59 e sua conta poupança é na Caixa Econômica Federal: Ag. 4064, Conta 21304-9, Op. 013. Qualquer ajuda para ela não será um ato como tantos outros.”]

“o ministério público ofereceu denúncia
contra rafael braga vieira
pelos seguintes comportamentos ilícitos
descritos na denúncia, a saber:

no dia 12 de janeiro de 2016
por volta das 09 horas, na rua 29
em localidade conhecida como ‘sem terra’
situado no interior da comunidade vila cruzeiro
no complexo de favelas do alemão
bairro da penha, nesta cidade

o denunciado, com consciência e vontade,
trazia consigo, com finalidade de tráfico,
seis decigramas da substância entorpecente
cannabis sativa acondicionados
em uma embalagem plástica fechada por nó

bem como nove gramas e três decigramas de cocaína (pó) distribuídos em 06 cápsulas plásticas incolores e 02 embalagens plásticas fechadas por grampo

contendo a inscrição 'cv-r1/pó 3/complexo da penha' tudo sem autorização e em desacordo com determinação legal e regulamentar.

nas mesmas condições de tempo e lugar acima descritas, o denunciado, com consciência e vontade, estava associado a outros indivíduos não identificados, todos subordinados à facção criminosa que domina o tráfico de drogas na comunidade, para o fim de praticar, reiteradamente, o crime previsto no art. 33 da lei nº 11.343/06.

policiais militares estavam em operação no interior da comunidade, quando foram informados por um morador acerca da presença de um homem portando entorpecente com a intenção de comercializá-lo.

destarte, ao chegarem ao logradouro indicado, os agentes visualizaram o denunciado rafael braga vieira

em poder de uma sacola de conteúdo suspeito. de imediato, ao perceber a presença dos agentes da lei, o denunciado tentou se desfazer do material, arremessando a referida sacola ao solo.

ato contínuo, após a abordagem do denunciado, os agentes lograram arrecadar os objetos abandonados, oportunidade em que verificaram tratar-se de vasta quantidade de material entorpecente,

bem como um morteiro.

é o relatório, passo a decidir.

a preliminar de inépcia da denúncia suscitada pela nobre defesa não pode ser acolhida, eis que a prefacial acusatória descreve

fatos penalmente relevantes

e atribui a autoria delitiva a pessoa certa.

dessa forma, não colhe ensejo

o pleito defensivo aqui referido.

portanto, rejeito a questão preliminar de inépcia

da denúncia suscitada pela defesa,

porquanto os fundamentos invocados

não se aplicam ao presente caso.
registre-se que a localidade
em que se deu a apreensão do material entorpecente
mais precisamente na região conhecida como 'sem terra',
no interior da comunidade vila cruzeiro, no bairro da penha,
nesta cidade, é dominada pela facção criminosa
'comando vermelho',
conhecida organização criminosa voltada a
narcotraficância.

neste sentido, verifica-se que as várias embalagens
das substâncias entorpecentes apreendidas
ostentavam inscrições fazendo menção à facção criminosa
'cv', ou seja, 'comando vermelho'.

acrescente-se que as substâncias entorpecentes apreendidas
já se encontravam devidamente fracionadas,
prontas para a mercancia.
somando-se as circunstâncias
que envolveram a prisão do acusado,
onde segundo relato dos policiais que efetuaram
a prisão do réu e a apreensão do material entorpecente,
o local é conhecido como ponto de venda de drogas.

por consequência, levando-se em conta
a quantidade de droga apreendida, forma de
acondicionamento
e local da apreensão, resta inquestionável que
a substância entorpecente destinava-se a traficância,
portanto, não tenho qualquer dúvida quanto à adequação
do fato ao tipo penal previsto no art. 33 da lei de tóxicos.

a autoria do nefasto comércio, em sentido idêntico,
resultou cabalmente demonstrada na pessoa do acusado,
embora este, como de costume na seara criminal,
tenha negado o obrar criminoso quando foi interrogado
neste juízo.

apesar do réu rafael braga vieira
quando interrogado neste juízo
ter negado a prática das infrações,
sustentando que não tem envolvimento
com o tráfico de entorpecentes
da localidade acima mencionada,
alegando em sua autodefesa que era morador da
comunidade,
que se dirigia até uma padaria
sem qualquer substância entorpecente em seu poder,

quando foi abordado pelos policiais militares,
suas declarações não ostentam base probatória.

alegou, ainda, o acusado rafael braga
que, em seguida, os policiais militares o conduziram até um
beco
e lhe exigiram informações acerca de
armas, drogas e traficantes da localidade.
contou o réu que, após sua negativa,
os agentes apresentaram uma bolsa
contendo material entorpecente
e ameaçaram que iriam lhe atribuir a posse das drogas,
caso não prestasse as informações solicitadas por eles.

ato contínuo, narrou o réu rafael braga
que foi agredido fisicamente pelos policiais militares
e que os mesmos o incentivaram a consumir droga
no interior da viatura policial, durante o percurso até à
22ª dp.

note-se que as declarações do réu rafael braga
durante o seu interrogatório neste juízo
restaram divorciadas do conjunto probatório, senão vejamos.
frise-se, por oportuno, que o réu rafael braga vieira

foi preso em flagrante delito.
as testemunhas, arroladas pelo ministério público,
quais sejam, policiais militares,
ouvidas neste juízo, através do sistema audiovisual,
que participaram da prisão em flagrante do réu
e apreensão das substâncias entorpecentes e outro material,
apresentaram depoimentos harmônicos entre si,
cujo teor de suas declarações faz prova robusta
que as substâncias entorpecentes descritas no laudo pericial
foram encontradas em poder do réu destinavam-se à venda.

narrou a testemunha policial militar
que estavam em patrulhamento de rotina,
com intuito de garantir a segurança de trabalhadores
que implantavam blindagem no posto policial,
na comunidade da vila cruzeiro,
quando um 'morador' foi até a guarnição policial
informar que havia um grupo de pessoas
comercializando drogas nas proximidades.

narrou, ainda, a testemunha
que ao proceder até o local informado
avistou um 'grupo' correndo

mas que o réu rafael braga
'foi o único que permaneceu parado,
distraindo, com uma sacola na mão'
e ao perceber a aproximação policial
tentou se desvencilhar da referida sacola.

ato contínuo, contou a testemunha policial
que feita a busca foram encontrados
na sacola plástica que o réu segurava
fogos de artifícios ('um ou dois morteiros') e drogas.

disse a testemunha policial
que o local em que o réu foi capturado
era dominado pela facção criminosa 'comando vermelho'.

na mesma linha, a testemunha policial militar,
que também participou da prisão em flagrante delito do réu,
em depoimento prestado neste juízo,
confirmou, na essência, as declarações da testemunha
anterior,
seu colega de farda, narrando que estavam fazendo
a segurança de uma equipe de engenharia na vila cruzeiro,
quando foram acionados
em razão de uma outra guarnição policial

ter sido informada por um morador acerca
da existência de um grupo de elementos
que realizava tráfico de entorpecentes nas proximidades,
mais precisamente na 'rua 29'.

narrou, ainda, a testemunha policial
que, em seguida, procederam até o local informado,
oportunidade em que o réu rafael braga
ao avistar o seu colega de farda soldado
tentou se desvencilhar de uma sacola plástica,
enquanto os outros elementos
que estavam próximos ao aludido réu
se evadiram do local.

ato contínuo, contou a testemunha policial
que o acusado rafael braga foi abordado,
sendo arrecadada a sacola dispensada pelo mesmo
e encontrado em seu interior material entorpecente,
bem como fogos de artifício.
acrescentou a testemunha policial militar
que o local em que se deu a prisão em flagrante do réu
rafael braga
era conhecido como ponto de vendas de drogas,

local este dominado pela facção criminosa
'comando vermelho'.

'(...) quando avistei o acusado com sacola na mão,
ele estava parado numa curva mais o pessoal,
quando fizemos a curva ele se desfez;
aí soltou a sacola e veio andando e os demais saíram;
tudo que aconteceu nós vimos (...)'.
'

acrescentou, ainda, a testemunha policial
que o réu permaneceu no local
e não se evadiu com os demais elementos,
o que possibilitou a sua abordagem e captura.
extraí-se dos depoimentos acima,
das testemunhas policiais militares
que o réu foi preso em flagrante delito
em poder de material entorpecente.
as aludidas testemunhas policiais militares,
em juízo,
confirmaram que o local em que foi abordado o réu
era dominado pela facção criminosa 'comando vermelho'.

note-se que os policiais militares,
agentes da lei que abordaram o réu

e apreenderam o material entorpecente em poder do
mesmo,

em seus respectivos depoimentos,
sob o palio do contraditório,
descreveram a conduta delituosa
levada a cabo pelo acusado.

nos depoimentos policiais acima mencionados,
nada há que elida a veracidade das declarações
feitas pelos agentes públicos
que lograram prender o acusado em flagrante delito.

não há nos autos qualquer motivo para se
olvidar da palavra dos policiais,
eis que agentes devidamente investidos pelo estado,
cuja credibilidade de seus depoimentos
é reconhecida pela doutrina e jurisprudência.

os testemunhos dos policiais acima referidos
foram apresentados de forma coerente,
neles inexistindo qualquer contradição de valor,
já estando superada a alegação
de que uma sentença condenatória
não pode se basear neste tipo de prova.

ademais, os policiais militares que efetuaram a prisão do acusado não o conheciam anteriormente, razão pela qual não tinham qualquer motivo para acusá-lo falsamente. é certo que algumas contradições são perfeitamente previsíveis em depoimentos de policiais militares que participam de várias ocorrências policiais, porém, na essência os depoimentos prestados pelos policiais militares neste juízo são convergentes.

por outro lado, a testemunha vizinha do réu, ouvida neste juízo, disse que era amiga e frequentava a casa da genitora do acusado por muitos anos. segundo a aludida testemunha, foi possível observar da varanda de sua casa o réu rafael braga sozinho, sem qualquer objeto em suas mãos, sendo abordado e agredido pelos policiais militares. ato contínuo, narrou a aludida testemunha

que o acusado foi arrastado por um policial até a parte baixa da rua, o que comprometeu a sua visão.

ao meu sentir, as declarações da testemunha, arrolada pela defesa do réu, visavam tão somente eximir as responsabilidades criminais do acusado rafael braga em razão de seus laços com a família do mesmo e por conhecê-lo 'por muitos anos' como vizinho.

embora a testemunha tenha afirmado em seu depoimento que o réu rafael braga foi vítima de agressão por parte dos policiais militares que o abordaram, fato este também sustentado pelo acusado quando interrogado neste juízo,

o exame de integridade física a que se submeteu o réu rafael braga vieira não constatou 'vestígios de lesões filiáveis ao evento alegado'.

dessa forma, por ser isolada do acervo probatório, não há como acolher a versão apresentada pelo réu rafael braga vieira em ato de autodefesa.

portanto, os depoimentos prestados pelos policiais militares neste juízo, que efetuaram a prisão em flagrante do réu rafael braga vieira e arrecadaram o material entorpecente em poder do mesmo, depoimentos estes corroborados pelas declarações das testemunhas, policiais que também participaram da operação policial que resultou na prisão do acusado, fazem prova robusta em desfavor do acusado em apontá-lo como autor do crime narrado na denúncia.

não há nada nos autos que fragilize os depoimentos das testemunhas do ministério público. consigne-se que a negativa de autoria ou a tese alternativa, que coloca dúvida acerca da autoria delitiva, vai de encontro à prova produzida, sobretudo os depoimentos prestados pelos agentes do estado. portanto, a defesa não se desincumbiu do ônus processual no sentido de provar fatos impeditivos, modificativos ou extintivos do direito estatal.

sendo assim, a prova é firme e suficiente para condenar o acusado por tráfico, eis que evidente que o material apreendido se destinava à ilícita comercialização, não só em razão da quantidade, forma de acondicionamento e local da apreensão, mas também em razão das circunstâncias que nortearam a prisão do réu.

quanto ao crime de associação para fins de tráfico, a materialidade delitiva é cristalina desde a prisão em flagrante do acusado em razão da operação policial que culminou na deflagração da presente ação penal.

os elementos que instruem o processo, sobretudo os depoimentos prestados pelos policiais militares neste juízo, são conclusivos neste sentido. os depoimentos prestados em juízo pelos policiais militares responsáveis pela prisão do acusado merecem credibilidade, porquanto seguros e coerentes, guardam afinidade com a realidade fática

trazida no contexto probatório.

además, não há qualquer motivo nos autos capaz de macular a isenção dos mesmos como testemunhas.

no caso presente

a posse do material entorpecente (maconha e cocaína)

embalado em saco plástico, fracionado,

inclusive, contendo inscrições 'cv',

que sabidamente destinava-se à venda,

evidencia a estabilidade do vínculo associativo

com a facção criminosa 'comando vermelho'

que controla a venda de drogas no local dos fatos.

además, com o réu houve a apreensão de um rojão,

sendo certo que no momento da prisão em flagrante

do réu rafael braga,

conforme relato dos próprios policiais neste juízo,

havia inúmeros elementos que se evadiram.

dessa forma, restou inequívoca

a estabilidade do vínculo associativo

para a prática do nefasto comércio de drogas,

sendo certo que a facção criminosa 'comando vermelho'

é quem domina a prática do tráfico

na localidade conhecida como 'sem terra',

em que o réu foi preso,

situada no interior da vila cruzeiro.

por outro lado,

a regra de experiência comum

permite concluir que a ninguém é oportunizado

tráfico em comunidade sem integrar a facção criminosa

que ali pratica o nefasto comércio de drogas,

sob pena de pagar com a própria vida.

portanto, não poderia o réu atuar como traficante

no interior da comunidade vila cruzeiro,

sem que estivesse vinculado à facção criminosa

'comando vermelho' daquela localidade.

además,

as testemunhas arroladas pelo ministério público

não deixam qualquer dúvida a esse respeito.

culpável, por fim, é o acusado,

eis que imputável e estava ciente do seu ilícito agir,

devendo e podendo dele ser exigida

conduta de acordo com a norma proibitiva

implicitamente contida nos tipos por ele praticado, inexistindo qualquer causa de exclusão de antijuridicidade ou culpabilidade aplicável ao caso presente.

diante do exposto, não é possível acolher as teses expostas pela douta defesa do acusado em suas derradeiras alegações, considerando, como exposto acima, ser o conjunto probatório robusto em desfavor do réu. impossível, data venia, a desclassificação da conduta delitiva, não só pelo fato do conjunto probatório ser desfavorável ao réu,

como exposto acima, mas, também, em razão do acusado, em momento algum, ter afirmado que os entorpecentes consigo apreendidos destinavam-se ao seu próprio uso, muito pelo contrário, negou a posse do material apreendido.

verifica-se que o acusado ostenta maus antecedentes, constando três condenações, já transitadas em julgado, em datas anteriores aos crimes tratados nestes autos.

a sua personalidade é voltada para a criminalidade, não se podendo olvidar que o acusado na ocasião de sua prisão encontrava-se em gozo de benefício extramuros, inclusive fazendo uso de tornozeleira eletrônica.

ex positis, julgo procedente a denúncia para condenar como ora condeno o réu rafael braga viera às penas de 11 anos e 03 meses de reclusão e ao pagamento de 1.687 dias-multa, à razão unitária mínima.

condeno, ainda, o réu ao pagamento das custas e da taxa judiciária.

o regime inicial para o cumprimento da reprimenda é o fechado. o que se justifica não só pelo quantum da pena aplicada, mas pelo fato de que esse regime se afigura o mais adequado para atender a finalidade da pena, cujos aspectos repressivos e preventivos ficariam sem efeitos na hipótese de um regime mais brando,

ante a possibilidade do réu não ser suficientemente
intimidado
a não mais delinquir.

quanto às substâncias entorpecentes apreendidas,
determino que sejam destruídas por incineração.
determino, ainda, a destruição do rojão apreendido e
já periciado.

após o trânsito em julgado,
lance-se o nome do réu no rol dos culpados.”

Celso de Alencar
Abaetetuba - PA/São Paulo - SP

[“As cento e onze picas de Celso de Alencar é um desses poemas que se desvencilharam das páginas de: *Poemas Perversos, Pantemporâneo*, 2011, e ganharam o mundo. Primeiramente na voz e prosódia do próprio poeta que o declamava com a conhecida maestria em inúmeros saraus de São Paulo, depois pelas plataformas virtuais, como Facebook e YouTube.

O contexto histórico do poema é o Massacre do Carandiru, ocorrido em 2 de outubro de 1992, quando uma desastrosa intervenção da Polícia Militar do Estado de São Paulo, para conter uma rebelião na Casa de Detenção de São Paulo, causou a morte de 111 presos.

Em entrevista para mim, no canal Sala de Leitura, Celso relata que ficou bastante impressionado com a imagem dos presos mortos e nus, enfileirados ao chão, que circulou nos principais jornais da época. Cinco anos depois, em 1997, após um jogo de futebol amador, no vestiário Celso viu os jogadores de seu time nus e enfileirados para o banho, essa imagem o remeteu àquela imagem do massacre, nascendo assim o poema.

Há ainda um fato curioso acerca de “As cento e onze picas”. Celso de Alencar foi convidado para a inauguração da Biblioteca São Paulo, construída no terreno em que outrora foi o presídio do Carandiru; ao questionar se poderia declamar o poema, obteve a resposta negativa sob a alegação que lá estariam autoridades como o prefeito e o governador. O poeta recusa o convite.” (Fabiano Fernandes Garcez)]

AS CENTO E ONZE PICAS

Foram unhas
excitadas do inferno
que deixaram expostas
aos olhos do mundo
as cento e onze picas.

Estão mortas
as cento e onze picas.
Eternamente mortas.
Não veio do gozo
o gemido ouvido
no labirinto.
Foi do vendaval de chumbo
estacado na carne aflita.

Cento e onze bocas mortas.
Cento e onze vaginas órfãs.
Estendidas sobre
o largo piso frio,

enfileiraram-se para o pouso
de insetos de mortos.

Negras, brancas, pálidas,
as cores não importam.
São apenas
cento e onze picas mortas.

Brenda Sodré

*(Rio de Janeiro, 1995) é bacharel em artes cênicas,
atriz e escreve. Publicou nas revistas eletrônicas
Totem & Pagu e Ruído manifesto, na publicação
coletiva Corja! da grupa Membrana e publicou a
plaquete de poesia eu, deus & outras mentiras pela
Editora Primata.*

[“Era 4 de abril de 2019 quando Evaldo Rosa, sua esposa e filho tiveram o carro alvejado por 80 tiros de fuzil disparados pelo exército brasileiro. Evaldo morreu por, pelo menos, 9 dos 80 tiros. Os atiradores alegam terem se confundido. Até hoje (maio de 2021) o caso segue sem solução e ninguém foi responsabilizado. Luciana Nogueira, a viúva de Evaldo, estava no banco ao lado e o filho, atrás. O presidente da república Jair Bolsonaro deu uma declaração na época em que dizia que o exército não matou ninguém, foi um mero incidente. Esse incidente não é isolado. ALVEJANTE foi escrito dois dias após o assassinato de Evaldo Rosa e continua atual, porque a polícia brasileira se confunde muito. Dias antes, havia assistido “Um lugar ao sol” de Gabriel Mascaro, documentário sobre moradores das coberturas luxuosas pelo Brasil, a fala de uma das entrevistadas era chocante. Do alto de sua cobertura dizia se sentir mais perto de Deus. Lá do alto, conseguia ver toda uma favela, que ela achava “as casinhas muito bonitinhas, pareciam de brinquedo”. Ali do alto, quando havia tiroteio, ela só via as cores dos tiros com munição traçante no céu. E achava lindo.”]

ALVEJANTE

o alto de um prédio guarda
secretamente
outra dimensão
a qual chamaremos
POR CIMA

o projétil da metralhadora
deixa no ar um rastro colorido
só deus
e as pessoas que podem
falar com deus
conseguem captar as nuances de cores
que uma bala deixa ao cruzar
o céu

de repente ele está furado
te olhando de longe
a trinta quilômetros de distância
e é uma estrada impossível

de percorrer
olhos de espelho
olhando de baixo
o primeiro furo diz
que ele puxou um fio da bandeira
e desmanchou a bandeira
o segundo tiro anuncia
ele é um superespião com sua mochila de apetrechos
a décima bala atravessa
seu corpo
ele roubou doce da criancinha
no vigésimo quinto disparo alegam
ele espancou um palhaço até a morte

a essa altura quem está
POR CIMA
se maravilha com o brilho dos fogos
“que tipo de festa vip é essa?”
tantas cores no ar se mesclando
aos pescoços dos pombos

no trigésimo segundo tiro

sim
continuam atirando
ele já não manobra o carro
numa tentativa de proteger
a mulher e o filho
no quinquagésimo sétimo disparo justificam
ele olhou por mais de três segundos em seus olhos
e ele sabia que era mortal
o sexagésimo terceiro buraco indica
que gostam muito
de atirar
o septuagésimo primeiro disparo dizem
foi por engano
estava escuro demais esse domingo
de sol
no octogésimo tiro
os homens camuflados
já com tendinite se olham
pensam que tudo é muito bom
e descansam atrás de muros altos
afiados muros erguidos em direção ao céu

o corpo dele está furado
e cai
na insuportável horizontalidade do chão
pode ser visto pairando esburacado
através das vitrines brancas
blindadas
enquanto os vermes
se ocupam em preencher
as ausências
seu corpo é agora
mais um item de colecionador
exposto
no museu da polícia militar brasileira

Dheyne de Souza

É goiana, nasceu em 1983. Doutoranda em Literatura Brasileira na Universidade de São Paulo. Publicou Pequenos Mundos Caóticos (2011) e Lâminas (2020).

OITENTA TIROS

80 tiros 80.

do gatilho o estado fardado armado rindo 80
uma família.

um civil negro.

80 tiros.

não era o alvo

foi engano

80 tiros

ensurdecendo o país. o judiciário não

80 tiros. uma pessoa humana, era o princípio da
dignidade. fundamental. o judiciário não

80 tiros. garantindo o direito individual, coletivo e social,
o judiciário não

80 tiros. crime militar. judiciário 80

como foi o som do primeiro tiro 80?

apologia à tortura 80 ustra 80 o judiciário não

banalização, legitimação, estímulo

80 tiros

e nenhuma palavra sã do executivo

quem executa

o judiciário não pergunta não responde não garante
80 tiros. oitenta.
como foi o som do último tiro 80?
como é o som do judiciário
80
como vamos contar?
80
como vamos seguir?
80
como se judicia
80
judiciário ouça
80 tiros.
arma. flash. fim.
do estado 80
do judiciário 80
do cidadão
80 tiros ultrapassaram a constituição
o juízo
qual foi seu juízo final, cidadão
qual será
80 tiros e nenhuma
80 tiros não foram balas perdidas

que as balas nunca são na verdade perdidas na era da
tecnologia legalização morte
80 o porte
a cor da bala é negra 80
80 cápsulas no seu colo, judiciário
conta o seu poder
80 tiros
qual a justiça
estadual, militar, eleitoral, do trabalho, federal,
superior
supremo
socorro
qual o seu papel 80
80 cápsulas
80 tiros
oitenta vezes
oitenta judiciário
oitenta executivo como não lhe cabe juízo de valor 80
quanto vale vida tiro oitenta
legislativo
socorro
o judiciário cala
80 mata

morremos assim na velocidade do tiro
qual o cheiro da pólvora estado?
um tiro mata
oitenta tiros eu não sei contar eu não sei medir eu não
sei rezar eu não sei 80
o judiciário sabe.
80 tiros nunca poderão esgotar como
ordem
já podeis da pátria filhos
ver
80 tiros
na área de jurisdição militar
o que significa que
80 repita comigo oitenta não desce oitenta não sai oitenta
não dá oitenta tente fugir oitenta pro estado oitenta tenta
dizer tenta um murro na parede oitenta vezes tenta oitenta
vezes gritar tenta oitenta caracteres oitenta não cabe não
sai não engole
80 tiros
do estado
o poder emana do povo 80
80 vezes
oitenta

como incidente lamentável judiciário executivo legislativo
foram oitenta tiros do estado
não há incidente a mira é negra
não há lamento a mira 80
medo surpresa ou violenta emoção
80 tiros o que são
o judiciário o que faz
pra quem serve 80
80 quando se diz oitenta
é um som é um número é um fuzil
passando na rua 80
a via é pública
a vida não
a cor o buraco negro oitenta
oitenta clarice oitenta
o que faremos
pra quem pedimos
pra que morremos
80
não cabe num poema não cabe 80 sangra
tenta
80 o som do tiro
80 foi engano

80 rindo

80

rindo

tiro

culatra

pólvora

o estado rindo

ruindo

o judiciário o que

oitenta

somos 80 o que somos somos 80 o que somas não

somos 80

o som

o tom

o músico da cor

80

judiciarioitenta

Cesar Garcia Lima

(Rio Branco, Acre, 1964) é poeta, professor e jornalista. É autor de Águas desnecessárias (Nankin, 1997), Este livro não é um objeto (edição do autor, 2006), Trópico de papel (7Letras, 2019) e Bastante aos gritos (7Letras, 2021), todos livros de poemas. Também atua como diretor e roteirista de documentários, tendo realizado Soldados da borracha (2010) e Onde minh'alma quer estar (2015).

Vive no Rio de Janeiro.

[“Inspirado no filme homônimo do cineasta francês Alain Resnais, realizado em 1980, o poema ‘Meu tio da América’ reflete o início da minha vida adulta e o sentimento de revolta para não me tornar uma cobaia do ‘sistema’. A iminência do fim da ditadura militar me motivava a participar da vida cultural do país, mas minha única estratégia então era a inquietude de buscar independência, engrossando o coro dos descontentes.”]

MEU TIO DA AMÉRICA

Experiência número 1:

O camundongo solitário se deprime na gaiola.

Experiência número 2:

O camundongo exercita-se entre

dois ambientes da gaiola dividida.

Prefere o território não eletrificado,

sem deixar de explorar as fronteiras do outro espaço.

Exausto, ele se debate.

Experiência número 3:

O camundongo disputa

com seu semelhante

parte da gaiola

não eletrificada.

Estão mais saudáveis

do que os camundongos das experiências 1 e 2.

Experiência número 4:

Não ser um camundongo.

Experiência número 5:

Mover-se.

Matheus Guménin Barreto

(1992, Cuiabá) é poeta e tradutor brasileiro. É autor dos livros de poemas A máquina de carregar nadas (7Letras, 2017), Poemas em torno do chão & Primeiros poemas (Carlini & Caniato, 2018) e Mesmo que seja noite (Corsário-Satã, 2020).

Doutorando da Universidade de São Paulo (USP) e da Universidade de Leipzig na área de Língua e Literatura Alemãs - subárea tradução -, estudou também na Universidade de Heidelberg.

Teve poemas seus traduzidos para o inglês, o espanhol, o alemão e o catalão; publicados em revistas no Brasil, na Espanha e em Portugal (Cult, Rascunho, Escamandro, Palavra Comum, A Bacana; entre outros); e integrou o Printemps Littéraire Brésilien 2018 na França e na Bélgica a convite da Universidade Sorbonne. Publicou em periódicos ou em livros traduções de Bertolt Brecht, Ingeborg Bachmann, Johannes Bobrowski, Nelly Sachs, Paul Celan, Peter Waterhouse, Rainer Maria Rilke e outros. Entre os cursos que ministra esporadicamente estão "Verso vivo: introdução ao verso livre e ao verso fixo de Shakespeare a Criolo" e "Versificação: montando e desmontando o verso fixo com Drummond, Criolo e Valesca Popozuda".

[“O livro-poema *Mesmo que seja noite* foi publicado em 2020 pela editora Corsário-Satã, casa editorial criada pelos poetas Fabiano Calixto e Natália Agra. O livro é um longo poema em partes: atravessa suas 8 partes e seus 55 excertos de poema uma vaga narrativa, toda ela desenrolada em terra devastada (Eliot) ou país despossuído (Eugénio de Andrade) enquanto um sujeito busca seu rosto, busca seu deus, busca – homem – o corpo de outro homem.

Os dois excertos de poema reproduzidos nesta antologia integram a quarta parte do livro, intitulada “d – Notícias do campo arrasado”. É justamente nessa parte que o cenário de escombros da narrativa (que o artista visual Gabriel Pedrosa brilhantemente reproduz na capa do livro) se torna mais palpável e mais concretamente localizável nos mapas: Brasil, o projeto nunca realizado de país, a piada fascista de país, a casa de abate.

Assim, *Mesmo que seja noite* é também uma busca por um país possível – é, como se lê em outro poema do livro, o processo de “– arder a vida à procura dum sol pousado na mesa / dum dia de justiça entre irmãos / e descer à terra ciente – mas contente, resoluto – / de nada ter nas mãos”.]

D - NOTÍCIAS DO CAMPO ARRASADO (PARTES 1 E 2)

excerto do livro-poema *Mesmo que seja noite*

é lícito um poema onde ecoem passos
de um único homem ou de sua sombra os passos?
é lícito o poema de uns pés descalços, limpos, sobre um
pátio ainda mais? lícito
que água ainda não convexa de toques nem
de rostos outros espelhados que um só rosto, que essa água
reste?
ecos, passos, sombras, pés descalços, toques?
é lícito que haja? é lícito que haja tão rara palavra:
lícito?

é lícito que haja o que haver em versos
como estes
se os tiroteios furam a pele de uma mãe de um pai de um
filho e de um que não nasceu e não nascerá num canto
escuro qualquer deste país que nem me digno a saber
enquanto escrevo um poema sobre escrever um

poema sobre um revólver calibre 38 que resolve anular
o tempo?

*

as partículas todas
agrupadas ou prestes a
sempr-
e na dança comum do ir sendo
a
multiplicação
pródiga de tudo o que foi,
é, será ou pode vir a ser
e o cair de tudo isso do colo abarrotado do tempo

fulminam alguém num apartamento de classe média alta
no dividido Brasil de PECs 55

Mesmo que seja noite, 2020

Jennifer Trajano

(1996) é paraibana, natural de João Pessoa, professora de língua portuguesa e revisora textual. Em 2019 publicou o seu primeiro livro intitulado Latíbulos (poesia, Editora Escaleras). Em 2021, pela Urutau, publicou Diga aos brancos que não vou. Já participou de antologias nacionais, a exemplo de Um girassol nos teus cabelos: poemas para Marielle Franco (2018) e CULT Antologia Poética 3: poemas para fazer o luto desse tempo (2020).

PÁTRIA

pela manhã vovó
mandava mainha
cozinhar congeladas
estrelas celestes
e as constelações
faziam brilhar
o fervor nas panelas

um dia nero visitou nosso céu
em tempo de cana com mel
e não havia ave
dormindo na
cadeira de balanço
ou vela de sétimo dia
para o gato da parede

então a comida queimou
os corpos ficaram
por dobrar os panos

e enterrado no quintal
o ventre da casa
que nunca foi nossa
perdeu o bebê

André Nogueira

nasceu em 1987 na cidade de Herdecke, Alemanha Ocidental. Registrado cidadão brasileiro no Consulado em Munique. No Brasil desde 1991. Vive atualmente na cidade de Campinas. Formado em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas e em Literatura e Cultura Russa pela Universidade de São Paulo. Tradutor, poeta, ensaísta. Autor de O Presidente me quer morto (Ed. Urutau, 2019) e de Notre Dame do Agreste (Editora Primata, 2020).

[“Campo do Meio - Minas Gerais 13/08/2020” faz parte também do livro “Notre Dame do Agreste”, publicado pela Editora Primata (outubro de 2020) e permanece atual, já que os despejos continuam em voga. O poema se refere ao despejo de um assentamento do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) em Campo do Meio, estado de Minas Gerais, quando os policiais demoliram a escola comunitária e incendiaram as plantações dos agricultores, desalojando as famílias no grave contexto da covid-19. Os versos ironizam o discurso sanitário oficial, que visa justificar a reabertura ‘segura’ das escolas primárias durante o período da pandemia, contrastando com a bruta realidade vivida por esses camponeses e a gente pobre brasileira, sem-teto e sem-terra.”]

CAMPO DO MEIO, MINAS GERAIS - 13/08/2020

As escolas estão prontas
para serem demolidas,
todas as providências estão sendo tomadas para garantir
a integridade
da propriedade privada,
seguindo todos os protocolos
do judiciário corrupto,
lavando com sabão
as mãos de Pilatos,
garantindo um distanciamento social efetivo para a
segurança
dos capitalistas,
em virtude das medidas de combate
às crianças camponesas,
políticas de controle e erradicação
dos pobres,
o ambiente será devidamente ventilado com
rasantes de helicóptero,

o uso de álcool é recomendado para
atear fogo no lote,
os alimentos devem ser cuidadosamente
incinerados,
os pais poderão escolher
se saem por bem ou por mal,
caso persistam
no local,
dificuldade de respirar ou falta de ar
por inalação de gás,
dor ou pressão no peito
por aplicação de cassetete,
procure imediatamente
um lugar para dormir embaixo da ponte.

Notre Dame do Agreste, 2020

Julia Raiz

São Paulo - SP/Curitiba - PR

*é escritora de ficção e ensaio, mantém o podcast
"Raiz Lendo Coisas" e trabalha com tradução.*

[“Esse é um poema que investiga as relações entre o exercício do Estado brasileiro e o inconsciente. Parte de experiências pessoais e compartilhadas de ter sido uma criança pobre no Brasil e chega à tensão nervosa entre infância e o recente aumento da fome no país. Sob um regime fascista e assassino, sonha o menino com o Anjinho do Brasil que pode comer o quanto quiser. “Anjo do Brasil” é uma referência ao Hino da Independência do Brasil, composto em 1922, e que aponta para nossa condição como Estado dependente na periferia do capitalismo.”]

ANJINHO DO BRASIL

Anjinho do Brasil quer dinheiro
porque ama dinheiro e dinheiro
é o rei soberano de sua imaginação

Tendo dinheiro se tem a possibilidade
de ser outra pessoa
Na imaginação de um menino que ama dinheiro
Anjinho do Brasil é um vendedor de cachorro quente

Anjinho do Brasil vende cachorro quente
com um delicioso purê de batatas
sonha em comprar um jipe para a irmã mais velha
com o dinheiro do cachorro quente
com o dinheiro também vai poder viajar pra Maceió
e também ser uma pessoa cheirosa
que abraça os outros como se deve abraçar
apropriadamente
sem medo de estar fedendo.

Com dinheiro é possível comprar um medalhão
para pendurar no pescoço
e jogar no lixo os cartões telefônicos
e os cupons de desconto para sabão em pó

Com dinheiro é possível pagar para que alguém
esfregue a chapa quente em seu lugar
e fique com as unhas porosas em seu lugar
e perca as unhas em seu lugar

Com dinheiro é possível fazer escorregar
latas de tomate sem pele para dentro do carrinho
como se nada
dezenas de latas batendo nas grades
de metal do carrinho compõe uma sinfonia agradável
aos ouvidos do Anjinho do Brasil

É possível com dinheiro ingerir cápsulas bicolores
trazer cartelas de remédios no bolso
e acertar o alarme do relógio
para não esquecer o horário de lançá-las
quase sem querer para dentro da boca.

O maior poder transformador do mundo
é com certeza o dinheiro
isso é o que não sabe saber o menino
que imagina o Anjinho do Brasil,
um rico vendedor de cachorro quente.

Vamos além da imaginação do menino
vamos dizer que o Anjinho do Brasil
quando assiste à entrevista da filha da Ingrid Bergman
pela TV Brasil dentro do trailer de vender
cachorros-quentes
olha para essa mulher que ama insetos
e pensa nas suas maneiras de acasalar
(também o acasalamento fica melhor com dinheiro).

O Anjinho do Brasil sabe que com dinheiro é possível
se transformar num morcego
que usa um sentido chamado sonar
ou eco localização
e não há razão para se supor que isso seja
parecido a qualquer outra coisa que se possa experienciar
ou imaginar como ser humano.

Tudo o que as crianças sem dinheiro
como o menino que imaginou o Anjinho do Brasil querem
é ter dinheiro e serem amadas por isso
e resolver os problemas de suas famílias
e serem mártires em paz

Tudo o que as crianças sem dinheiro querem
é imaginar suas vidas ricas
achar cinquenta reais na rua
comprar – não pedir, não ganhar,
não ter que agradecer educadas
comprar – não ganhar – o quanto quiserem
de porção extra de maionese verde
que elas desejarem no cachorro quente

Depois de barriga cheia chegar em casa
e assistir vídeos esfregando no olho
para relaxar
notas de cem reais como outra hora
faziam com os cobertorzinhos encardidos

Não ouvir mais a mãe dizer

«já disse mil vezes, não tenho dinheiro,
tenho conta pra pagar,
mas isso não significa nada pra você,
nada nada»

Afinal o que querem as crianças sem dinheiro
é esquecer o que as mães foram forçadas
a aprender desde muito cedo:
que os adultos botam os cachorros pra lutar
em eventos chamados rinhas
e que depois os assam em grelhas quentes
quando querem comer churrasco
que as promessas para ganhar renda extra
colhendo feijão na lavoura do País
são enganosas
e que viver aqui tem consequências difíceis demais
para entender por completo.

Natasha Tinete

(1988), escritora e ilustradora. Nasceu em Palmeira dos Índios, Alagoas, e reside em Curitiba desde 2014. É graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Alagoas, co edita a Totem & Pagu firrrma de poesia e integra a grupa Membrana literária. Seu livro de estreia, Veludo Violento, recebeu o 2º lugar no Prêmio Fundação Biblioteca Nacional 2019, na categoria poesia. Em 2021 lançou a plaquete Silêncio Bergman (Editora Primata) e o livro Uma alegria difícil (Kotter editorial), ambos de poesia..

[“Tempestade’ é o sexto e último capítulo do meu livro *Estio*, que é ainda inteiro inédito. Escrevi o livro entre outubro de 2020 e janeiro de 2021, durante a pandemia e no período de maior estiagem dos últimos anos em Curitiba. Um livro que nasceu num dia de possibilidade de chuva, em que o dia escureceu às 10 da manhã ameaçando tempestade e a tempestade não veio. O que seria um poema sobre chuva escrito com as luzes acesas em plena manhã transformou-se em um livro sobre essa época.”]

TEMPESTADE

um homem chamado Jair
responde a pergunta de 1 milhão de reais

quantas letras compõem o lema da bandeira nacional?

no game show

a pergunta de um milhão de reais em barras de ouro vale
mais do que dinheiro

vale tudo

ou nada

sem contar nos dedos ele responde

dezesseis letras

o apresentador pergunta se ele tem certeza

se tem certeza mesmo

se tem certeza absoluta

Jair erra a pergunta de um milhão de reais em barras de
ouro que valem mais do que dinheiro

a alternativa correta diz 15 letras

Jair não aceita

soletra em voz alta contando nos dedos

o r d e m – o u – p r o g r e s s o

dezesesseis letras

o r d e m – o u – p r o g r e s s o

Jair contou certo o lema errado

como qualquer visionário perdeu o prêmio máximo

no tudo

o u

nada

não pôs o anel porque calçou a luva

ou não calçou a luva porque pôs o anel?

Jair se justifica

diz que uma folha não cai sem que Deus queira

como Deus é ocupado meu deus

conta letras folhas perdas com seus infinitos dedos

ou relega todo o trabalho aos matemáticos e programadores?

desde criança tento humanizar os números

cada número tendo um rosto e um corpo

mas os números quando muitos perdem a humanidade

minha mãe disse ter preconceito com os muito ricos

mas imagina o que compraria se tivesse muito dinheiro

os pobres têm noção de riqueza mesmo sem possuí-la

já a pobreza não pode sequer ser possuída

é vivida

só entende o que é pobreza quem viveu a matemática

dura e desdedada

Carolina Maria de Jesus queria comprar sapatos para a filha

mas

o preço dos gêneros alimentícios impedia a realização

dos seus desejos

era isto

o u

aquilo

Svevo Bandini não conseguia trabalho no inverno

tampava o buraco dos sapatos úmidos de neve com papelão

e praguejava Dio Cane!

encontrou uma mulher endinheirada com lareira em casa

como era gostoso passear de carro sapatos novos
dinheiro no bolso
a esposa os filhos a pobreza o esperando numa janela
não tão distante
numa questão de tudo
o u
nada
Svevo ficou com tudo
calçou as luvas por cima dos anéis
mas
anéis debaixo das luvas podem incomodar
tanto quanto sapatos esburacados e úmidos

aos 11 ganhei um par de tênis 37/38
mas eu calçava 36 e tropeçava
com meus tênis comprados para durar
os garotos riam do jeito que eu caminhava
era uma astronauta lutando contra a gravidade
quando os pés couberam completos
os tênis tinham chuva por dentro
a manhã inteira o pé úmido
chegar em casa e pôr os tênis atrás da geladeira
torcer para que não fedessem

no dia seguinte
impossível evitar sentar no chão do pátio da escola
quando todos sentam você também deve sentar
com seus pés malcheirosos
a calça enruga atrás dos joelhos
a barra sobe mostrando minhas meias velhas esgarçadas
minha canela fina os poros da perna
irritados pelo uso contínuo da lâmina de barbear barata
tento sentar de um jeito que seja possível ser invisível
mesmo que sejam minhas amigas sentadas ao
lado mesmo que elas não comentem nada comigo
a existência da pobreza se insinua
é uma patroa que nos deixa sozinhas no elevador
não reconhece a dor das mães
que tem sonhos de realeza para si e para os filhos

na noite de 21 de maio de 1958 Carolina Maria de Jesus
sonhou que morava numa casa residível
presenteava a filha com brinquedos
sentava à mesa diante de uma toalha alva feito lírio
comia bife, pão com manteiga, batata frita e salada
quando ia pegar outro bife acordou pra vida amarga
de quem come macarrão do lixo com medo

Mar Becker

nasceu em Passo Fundo (RS). Tem formação em Filosofia e Especialização em Metafísica e Epistemologia. Publicou duas plaquetes no gênero poesia, uma pelo Centro Cultural São Paulo, Coleção Poesia Viva (2013), e outra pela Editora Quelônio, Coleção Vozes Versos (2017). A mulher submersa (Urutau, 2020), seu livro de estreia, tem circulação no Brasil e na Europa.

(ALGUMAS CERTEZAS DEPOIS DE TER
CONHECIDO MARIA)

I

algumas certezas depois de ter conhecido maria, moradora
da zona leste de são paulo; mãe e viúva desde o dia 4 de
abril de 2021:

a partir de certo número, a gente desaprende a contar

haverá tentativas:

“como se vários aviões caíssem por dia”

“os mortos de hoje lotariam três vezes e meia um maracanã”

o real nos assusta do mesmo modo que a imagem na água
assustaria um narciso anômalo
(por defesa, tocamos a superfície do espelho, e o rosto some
em segundos. é um gesto de impulso, e na hora não
percebemos que na dissolução dessa face de miragem
se dissolvem todas as demais, essas vivas)

sem face caminhamos por aí, sem nos reconhecemos
uns nos outros

é possível etiquetar um morto como número, mas o instinto de gente busca identificação pelo rosto. será uma vida até entender que aquele 5.387 era ele

os mortos antigos já se tornaram pó, e por isso ocupam pouco espaço. numa gaveta se juntam cinco ou seis. já os mortos de agora são enormes, e como não há lugar fica a sensação de que em breve teremos que lhes oferecer nossas casas, nossos cômodos

R\$ 200,00 por mês não erguem uma casa, não põem uma mulher e duas crianças em pé

(na mesa, o leite e o pão, o tanto que falta)

copos-de-leite são tóxicos, e apesar do perigo ainda assim se encontram fácil aqui em são paulo. dão como mato

misturados na comida, na janta que se serve ao longo de uma semana, por exemplo, “vão matando aos poucos qualquer homem, dizem”. mesmo o presidente

II

também temos morrido

eu e meus amigos, enquanto contamos os mortos da última semana

enquanto sobrevivemos a mais uma semana

também temos resistido ainda que sejamos poucos, ainda que em nós

desistam muitos

a cada luto sem rosto, nossos rostos se apagam a cada luto sem nome, nossos nomes desaparecem na língua

enquanto morremos devagar sobrevivemos

e falamos de nos ver em breve

e marcamos de tomar uma cerveja num fim de semana
qualquer

numa noite qualquer

num futuro que sabemos

que não há

Raquel Gaio

*é poeta e artista visual. Escreveu os livros de poesia
manchar a memória do fogo (Urutau, 2019) e das
chagas que você não consegue deter ou a manada
de rinocerontes que te atravessam pela manhã
(Editora Patuá, 2018). Desenvolve trabalhos entre a
fotografia, a performance e o objeto investigando
outros desvios e inscrições possíveis para um
corpo, utilizando objetos íntimos e materialidades
encontradas na natureza..*

[“Escrevo em cima de meu corpo desolado pela doença e pelo temor. Um corpo que resiste à captura de um governo que sequestra as subjetividades e a vitalidade, e que instaura o horror. Esse texto foi escrito em maio de 2020, dois meses após o começo da pandemia do coronavírus no Brasil, e um ano depois do AVC do meu pai, criando em mim uma linguagem da doença.”]

(SOU UMA MULHER QUE TRAZ NO DORSO A SEDE DE UM PAÍS DEVASTADO)

Sou uma mulher que traz no dorso a sede de um país devastado, e nas mãos a feição do incontornável. Avanço por um solo estreito e aspiro nessa terra os corpos que não conheci. Escavo os rostos, a ave morta, a palavra imunda: só o oco sobrevive.

Sou um animal expatriado que possui alianças com a rachadura. Algo em mim foi extinto, em meus ossos cresce uma nova vegetação e a água escura que antes habitava os pulmões agora se tornou uma nova língua.

Sou uma mulher que possui pactos com a doença, caminho recolhendo vestígios de uma civilização antiga, e em vigília, inauguro uma nova pobreza. Reparto a dor animal e trago este dano: a violência de uma respiração.

Anna Apolinário

*(João Pessoa, 1986). Licenciada em Pedagogia
pela Universidade Federal da Paraíba,
especialista em Língua, Linguagem e Literatura.*

*Poeta, produtora cultural independente,
organizadora do Sarau Selváticas, cofundadora
da Cia. Quimera – Teatro & Poesia, colaboradora
da Revista Acrobata – Literatura e Artes Visuais.*

Autora dos livros Solfejo de Eros (CBJE, 2010),

Mistrais (Prêmio Literário Augusto dos Anjos

– Funesc, 2014), Zarabatana (Patuá, 2016),

Magmáticas Medusas (Cintra/Arc Edições, 2018),

Las Máscaras del Aire (Cintra/Arc Edições, 2020),

A Chave Selvagem do Sonho (Triluna, 2020),

Furor de Máscaras (Cintra/Arc Edições, 2021).

MÃES DO FOGO

Súbita e absoluta tarântula

Filha de Nix, vieste fiar a febre em minhas terras.

Tuas agulhas vociferam convulsão em minhas células

Tenho a guerra alinhavada nas artérias

Em meu sangue os céus são dantescos

As estrelas suspiram ciladas

E meu peito troveja coroadado pelo nevoeiro.

Enquanto envolves meus alvéolos com teu veludo

devorador

E penteias meus pulmões com tuas asfixiantes sedas

Tambores fumegam nas mãos das matriarcas

Com seus clamores luminosos

As mães do fogo esmurram a escuridão

A seiva invade a névoa, o tear estremece.

Flutuo entre safiras cilíndricas

Deliro entre seringas e unguentos

Ouçõ o rumor dos ventres, o crepitar das preces

Respiro com bravura para atravessar o precipício.
As tapeçarias estão ruindo, os turíbulos labutam
Faíscas fulminam o labirinto
A mortalha é lacerada.
Nefasta fiandeira
Ateamos flamas em tuas teias
Sou néctar, renasço nefelibata.

Manuella Bezerra de Melo

Jornalista, investigadora e poeta, é curadora e organizadora da coleção de antologias VOLTA para tua terra: antologia antifascista e antirracista de escritores estrangeiros em Portugal (Urutau, 2021; 2022), autora de Pés Pequenos pra Tanto Corpo (Urutau, 2019), Pra que roam os cães nessa hecatombe (Macabéa, 2020), ambos de poesia, e de Um Fado Atlântico (Urutau, 2022), seu primeiro em prosa. Teve contos e poemas publicados em revistas literárias no Brasil, Portugal, Espanha, Argentina, Colômbia, México e Estados Unidos. É mestre em Teoria da Literatura e, atualmente, bolsista no Programa Doutoral de Modernidades Comparadas: Literaturas, Artes e Culturas na Universidade do Minho, em Portugal, onde vive desde 2017.

[“Este é um poema como muitos são, um poema sobre
expectar a barbárie, digo eu, porque pode não ser
também. O poema que a gente lê é também o poema que
temos dentro de nós. Para mim, ocorreu-me na sensação
dolorosa de ser observadora ansiosa dos acontecimentos
atuais, observadora angustiada, observadora mais
ativa que passiva, ou mais passiva do que gostaria de
ser. ‘As minorias se adequam ou desaparecem’ é uma
declaração de Jair Bolsonaro em período de campanha
eleitoral. Desde então, desaparecemos aos milhares,
ou sobrevivemos nos adequando entorpecidos com
álcool, dando graxa aos canalhas, cretinos e médiocres
que comandam o país, fazendo cenas nas redes
sociais, enquanto existimos matamos a nós mesmos
diariamente com métodos menos extremos, por covardia
essencialmente.”]

(ENVENENEI O CÉU PRA QUE VOCÊ)

Envenenei o céu pra que você
não visse morrer a segunda filha
o socialismo é um programa
é uma fenda no meu umbigo
é uma pasta de grão de bico
sob uma torrada com azeite
cancelei o café diário
que equivale ao suicídio sem extremismos
quantos estômagos são necessários
pra digerir a graxa que você passou?
quantos fígados precisas
pra filtrar todo álcool necessário
de seguir viva?
Perguntam-me como estou?
efetivamente viva
por vezes, nem tanto
quase sempre
esta parte, omito
omissão é a caverna eficiente dos ineficientes

não se compartilha maledicências
dores amargores brotoejas
feridas abertas são constrangedoras
e já não há mais ninguém em condições
tenha selfies sorridentes e esbeltas
braços abertos, rei do mundo
as minorias se adequam
ou desaparecem
antagonismos a parte
o socialismo é um programa

Sal, 2020

Adelaide Ivánova

é poeta e organizadora comunitária pernambucana.

Edita o zine de poesia MAIS NORDESTE, POR FAVOR!. Em 2018 ganhou o Prêmio Rio de Literatura por seu quinto livro, o martelo, publicado no Brasil, Portugal, EUA, Reino Unido, Alemanha, Argentina e Grécia. Em 2020 foi indicada aos prêmios Derek Walcott e National Translation Awards. É militante do movimento social por moradia e direito à cidade em Berlim, onde mora desde 2011 e onde tentava, até a pandemia, ganhar seu pão trabalhando como babá, garçonete, segurança, vendedora, atendente de salão de beleza etc.

[“Este poema foi publicado no livro *13 nudes*, de 2019, e foi escrito em 2016, durante o processo de impeachment contra Dilma Rousseff, mesma época em que a autora passava por uma separação; uma época dura, em todos os aspectos. A série de poemas à qual este originalmente pertence tentava encontrar semelhanças entre o fim de certo projeto de Brasil e o fim de um projeto utópico de amor romântico.”]

OS ANOS NOVENTA

you não estava lá nas coisas mais decisivas da minha vida
mas é assim mesmo: historiadores e arqueólogos
nunca estiveram presentes pra testemunhar
os levantes coletivos isso fazem os jornalistas e os

videntes você era apenas um menino quando
kurt cobain morreu nem poderia ainda saber o dano
que causaria sua existência de crisálida taurino e
primaveril quando meu destino cruzasse com o seu

e andaríamos de mãos dadas e suando verão afora
como se fosse o primeiro (e era) berlim não era
tão esplendorosa quantos seu cachos jakob mas você
nunca soube o que foi ter 16 anos em recife na década

de noventa FHC presidente desemprego torneiras secas
filarirose cólera sem vale do rio doce mas tinha chico science

abril pro rock o pior é agora não tem berlin não tem recife
não tem chico science não tem kurt cobain nem você
mas FHC
ainda tem

13 nudes, 2019

Ellen Maria Vasconcellos

é natural de Santos, SP. Vive atualmente em Lisboa, Portugal. Já morou na Espanha, na Argentina, no México. É estudante de doutorado em literatura latino-americana, mestra e licenciada pela Universidade de São Paulo. É tradutora literária; editora de línguas estrangeiras e literatura; e autora de Chacharitas & gambuzinos e Gravidade, publicados pela Editora Patuá.

[“Em 2012, participei de um Slam em Guadalajara com um poema que tinha escrito para um sarau em 2009, em Salamanca, sobre o que eu faria se fosse para o céu ou para o inferno. Fiquei longe do ‘pódio’, e no final do slam, várias pessoas vieram me perguntar por que eu não escrevi um poema falando sobre minha identidade brasileira, sobre essa quase obsessão em ser ‘estrangeira’. Na hora, não gostei das perguntas, mas depois escrevi uma série de poemas sobre isso. Esse é um deles.”]

ESCUCHEN A LA BRASILERA

Yo soy una chica rutera
me gustan las gasolineras
los baños de restaurantes
las ruedas llenas de grasa
los oídos llenos de cera
las rutas llenas de ratas
las heces llenas de tierra
las miradas llenas de sierras
de playas de playeras
de frentes de fronteras
y que no me siga nadie
por la calle o carretera
llevo balas en los ovarios
mi soledad es mi bandera
y en el día en que me muera
no busquen mi paradero
que derrita mis cenizas
un volcano en la cordillera.

Chacharitas & gambuzinos, 2015

Gledson Sousa

nascido em Juazeiro do Norte em 1972. Reside em São Paulo desde 1991. Formado em História, com especialização em História da Arte. Tem trabalhos publicados no site Triplov, Revista Toró e Musa Rara.

Livros publicados: O Ovo – Meditações Sobre a Semântica do Mundo. São Paulo: Ed. Janos, 2004;

A Iconografia Interior – Kandinsky e a Teosofia. Lisboa: Ed. Apenas Livros, 2014; O Livro das Novas

Mutações ou O Oráculo da Natureza. Lisboa: Ed.

Apenas Livros, 2014; Fantasmas Contos. Rio de Janeiro: Ed. Jaguatirica, 2018; Pôr A Poesia – Ensaio

/ Poesia. São Paulo: Editora Córrego, 2020. Além

de participação em obras coletivas: Presença do Feminino no Relato dos Viajantes, no livro

Desigualdade no Feminino. Lisboa: Apenas Livros, 2009; Uma Espiritualidade Nietzscheana?, no livro

A Religião que Anda no Ar. Lisboa: Apenas Livros, 2014. Poeta e ensaísta.

[“Isso foi de madrugada, depois de ficar olhando a lua cheia ladeada por júpiter e saturno. Voltei do quintal, saí da luz da lua e escrevi no quarto. Pensei que ia ver o eclipse, mas tinha sido na madrugada anterior.”]

SEM FACE

Venho de um país cuja bandeira
Ostenta mortos no lugar de estrelas
No alto ela tremula
Entre as feras
Que com mãos no peito cantam hinos
À ordem de chicotes e fuzis
Ao progresso de usinas e desertos
Que se espalham gafanhotos
Sobre o verde opaco desta flâmula
Caminhamos entre paralelos de tristeza
Meridianos irreduzíveis
Onde o ódio está fincado sobre a terra
Vivemos em tempos de guerra
Em surdina, velada feito fonte
Subterrânea
Que arrasta a miséria pelos dias
E essa fúria que incendeia minhas mãos
Como punhal rasga a garganta das palavras
Para que jorre sem cessar os muitos nomes

Daqueles que não podem falar
Venho de um país esquelido
Faminto de verdade, de justiça
Onde crianças viram alvos
De assassinos de plantão
E o medo amordaça
A mortalha que o sol estraçalha
Nada se esconde muito tempo
O que os homens ocultam
A história revela
Seu olhar de medusa
Petrifica
Os que em nome do lucro
Sacrificam
Venho de um país
Cuja face se perdeu

São Paulo, 4 de julho de 2020

Alex Sampaio Nunes

*nasceu em Teresina, Piauí (1987),
bacharelou-se em Direito pela Universidade
Federal do Piauí (2012). Atualmente é servidor
público federal e conselheiro municipal de
cultura da cidade de Teresina (mandato de 2020
a 2022). Autor do livro Ressuscito na cidade
suicida (2017),/ participou da Coletânea de
contos piauienses Caçua (2020), que reuniu
textos de autores do Estado desde a década de
1960 até os dias atuais. Teve textos publicados
em jornais, blogs, revistas e antologias de
circulação nacional.*

[“Além de ter sido um estudante do curso de Direito, ao escrever o poema ‘Estudante de Direito’, eu estava – e estou – preocupado com os descendentes que restaram das comunidades originárias da minha cidade. Essas comunidades (indígenas) foram dizimadas ou expulsas do próprio território, lá pelos idos de 1850, por um brasileiro sob ordens do Império.

A minha cidade, Teresina, é a única Capital do nordeste brasileiro que não está em zona litorânea; está no interior do Estado, entre dois rios: Parnaíba e Poti. As comunidades a que me refiro viviam na região do encontro desses rios.

Atualmente, os descendentes desses povos sofrem um processo de gentrificação, ou seja, na prática, a expulsão continua.

A preocupação com o passado e com o presente foi o mote do poema. Para mim, a literatura deve levar em consideração, além da voz individual, as experiências e vozes coletivas, até mesmo ancestrais.

Diante disso, as lendas da minha cidade, todas de maldição, fazem sentido; quanto às antigas histórias de bravura e heroísmo dos colonizadores europeus, não.”]

ESTUDANTE DE DIREITO

Logo depois de nascido, fiquei na periferia da nação

Fiz do sol e do vento minha toalha

Do banco de areia, o meu calçado

Na hora do calor, tomei banho pelado na água limpa da
chuva do Equador

Na hora da fome, comi aborrecido a maçã envenenada
no sabor

Pisei na cobra e fiquei doente, porque a doença dos
Trópicos é ter a cabeça quente

Até que de longe vieram os que se intitulam civilização
do Norte

Frios.

Prometeram curar minha doença com suas vestes grossas
de leis

E me toguei

Como não nasci no frio, fiquei ainda mais doente, porque
a doença dos Trópicos é ter o peito quente

E me despi

Tomei banho pelado nas águas sujas do Poti.

Edson Krenak

escritor e ativista indígena, tem formação em Letras e Estudos Literários pela Universidade Federal de São Carlos. Vencedor do Prêmio Nacional de Literatura Indígena Tamoios com o livro O sonho de Borum. É um dos autores da coletânea Nós – uma antologia da literatura indígena. Hoje vive e cursa doutorado em antropologia em Viena, Áustria.

[“O poema nasceu numa roda de dança ritualística indígena com a poeta Marcia Kambeba e outros parentes indígenas em Brasília. Havia rascunhado algo sobre a dança, a música. Voltei para Viena e, engajado em ativismos indígenas e em debates sobre decolonização e retomadas, terminei o poema juntamente com uma coletânea que deve se chamar *Poesia e Pajelança*.”]

TRÊS PASSOS DE COMO ESCREVER EM GÊNERO POÉTICO INDÍGENA

(Assuma sua ancestralidade)

Você é o resultado imparável da vida

A rima da vida é o sentimento do momento

Por isso, garanta que os espíritos dessas terras sejam
respeitados

e tratados com amor.

Por que você terá que responder a seus filhos, e aos
filhos deles,

aos seus e aos filhos dos seus...

A terra e a vida são seres entrelaçados que jamais se
rompem

antes do tempo do eterno silêncio.

(Retoma tua territorialidade)

Tu és o broto da tua terra,

nunca estarás sem ter comunhão com o chão

por isso a frase do teu texto deve ser violenta como

tua história: o choro, a morte, a volta

Reconhece de quem são estas terras nas quais pisamos

todos nós

Pergunta ao jabuti, à anaconda, e ao kalango.

Questiona à arara, à onça e ao jacaré

A memória da terra é inquebrável e indomável: não te

esqueças, não se apaga

(Resgate sua historicidade)

A dor da vida é o arrancão que fizeram de você

Você não mudou, deixou, partiu ou viajou

Você foi arrancado, desterritorializado,

Vida – arrancada, desterritorializada, levada pelo vento

da transmissão escrita, falada da taba.

Pra sempre vou te amar, canto-do-grilo-no-cair-da-tarde

pois sou a história da onça caçada de olhos melados

de verde

sou a melodia do pardal que se enamora da

estrela-da-manhã

Quando voltarmos para casa, de volta àquelas entrelaçadas

curvas

de vida e terra

soprados pelo vento da paz, e pararmos no

portão de entrada do crepúsculo ancestral

se abrirá para nós a terra

Agradeceremos pela linha de fogo

que nos consumiu de luz.

E pediremos perdão.

E colocaremos nosso vazio no chão,

o peso dos nossos sonhos

e a leveza do nosso olhar cheio da dor esquecida

porque ali, onde os três passos pausam

não há eu, tu ou você,

mas nós.

Mariana Paim

nasceu em Tanquinho, Bahia, em 1986. É poeta, professora, pesquisadora, militante feminista e atua na produção de projetos artísticos que visibilizam e disseminam o protagonismo das mulheres nas artes. Publicou os livros serei_as: ou ensaio de um mergulho no âncora (edição independente, 2019) e Lugar comum (urutau, 2021) .

[“Este poema foi publicado no livro *Lugar comum*, de 2021, sendo ele um dos poucos poemas que escrevi durante a pandemia do coronavírus. Diante do sentimento de que as palavras e a poesia não conseguiam alcançar as sensações experienciadas ao longo dos dias, nele tento manter viva e exercitar a esperança de horizontes melhores”]

(CARTOGRAFAR DISTÂNCIAS)

Cartografar distâncias

Estabelecer pontos

de contato

Fissurar a palavra

rente

a superfície

Respirar o cheiro da manhã

adormecida

Inverter trânsitos

Contrabandear tua caligrafia,

como eres mesmo?

Entender que há espaço

para fuga e também para

o encontro

Acolher dores

Esvaecer o vazio

Aprender que a incerteza pode ser

raiz

Regar as plantas dos pés

com o canto dos pardais
Reinventar cidades
Tramar insurreições
e ver
entre as ruínas dos dias
a coluna quebrada
de um outro
tempo

Natália Luna

(João Pessoa, 1990), formada em Filosofia pela Unicamp, autora do livro Íntimo Exílio pela editora Urutau (2019), atualmente trabalha com um ateliê de costura de roupas autorais e de fibras naturais (@ateliementeio) e na produção de seu segundo livro de poesia cujo título será Rumina.

[“O poema surgiu depois da notícia do falecimento de um amigo de amigos próximos por Covid-19, que até mim chegou com bastante perplexidade e tristeza. A elucubrar sobre, meu sentimento de perda veio com essas palavras, tocando em temas como a peste, a cidade em que vivo, as pessoas que me cercam e a crueldade de um tempo tão difícil como este, em que a morte é uma constante.”]

POEMA ATROZ

Atrocidades não são à toa
o mundo não dá a volta em torno de qualquer aleatoriedade
e deixa passar batido
atrozmente o que se dá entoa
aterrorizadamente já não há a mesma cidade
à toa não está a soma dos meus pares, nem eu indo a
qualquer parte.

Algo ferino escapa pelo punho que atordoa
e ata todas as coisas em uma única máxima:
se eu viver hoje, o amanhã que eu não abdicó de forma
alguma.

Tudo que nesta terra perdoa,
a guerra assolada em tempo turvo,
a peste propagada em prato fundo,
tudo isso um dia se dissipa.

Atrozmente tudo me diz respeito,

me dá reboleço, chega até mim, não ignoro,
mesmo que ali não haja despojos de si a se doar.

Que eu viva cada vão momento como um clarão
e por aqueles que se vão, honro sobretudo o meu pulsar
porque os que aqui passaram não fariam de todo diferente.

A vida brada de esquina a esquina
arranca, estanca, urge!
e eu que não sou coisa remota
faço dela a causa maior
todos os dias desta lida.

Kauan Almeida

*nascido na Bahia, nômade meio fosco, já publicou
nas revistas Mallamargens e Gueto. Assina a
produção de zines junto ao coletivo Voragem. Seu
primeiro livro oculto como aquilo que habita a
superfícies será publicado ainda em 2021 através da
Editora Urutau.*

[“O poema foi escrito como todos os outros poemas, por uma palavra começante que se desvia de outras e atinge o que até então não era possível atingir. É um poema de 2018, escrito na ocasião trágica da eleição do presidente fascista, o qual não merece menção de seu nome. O ruído das bombas, a fumaça das churrasqueiras e o cheiro de carne na brasa anunciavam sutilmente, de forma quase insignificante, a catástrofe que se enraizava no porvir.”]

PÓS-FIM DE FESTA

é compreensível que se demore em seus medos
e mais tarde olhe o mundo
por debaixo das sombras

e suspire em outras visões
que emergem no momento exato
em que o seu amor ao mundo seja contestado

é compreensível que adie falar

tudo o que hoje soa como o agora

e prenda em seu peito o grito o gemido o soneto
por medo de parecer precipitado à felicidade

como se necessária fosse a solidariedade
à raiva

é compreensível que o amor seja também adiado
como fosse um menor comum pós-revolucionário
que se esconde sob a nuvem densa dos
canhões de notícias

lançados por tanques-de-guerra íntimos
e o escuro do quarto cheira a óleo diesel e medo

é compreensível que se pense no outro
como jamais pensou em si
admitindo sua finitude

seu corpo seu desgosto de ser aquilo que
não pode ser outro

mas encostado no banco, ainda ri
do dia violento

que parece nunca acabar

Diego Callazans

nasceu em Ilhéus, na Bahia, em 1982, e mora em Aracaju, em Sergipe, desde 1987. É jornalista com doutorado em Sociologia pela Universidade Federal de Sergipe. Publicou os livros: A poesia agora é o que me resta (Patuá, 2013), Nódia (poemas, 7Letras, 2015), o minilivro Blasfêmias (poemas, 7Letras, 2015), Contos estranhos (7Letras, 2019), Urinol (romance, Caravana, 2021), Teresa (novela, Urutau, no 2021). Foi incluído em duas antologias de poesia brasileira contemporânea: Naquela Língua (Portugal, Elsinore, 2016) e É agora como nunca (Brasil, Companhia das Letras, 2017 & Portugal, Cotovia, 2017). Foi selecionado para uma residência literária pelo Sesc Santa Catarina em 2018, na qual passou dois meses entre Blumenau e Florianópolis, com bolsa concedida pelo Sesc, para escrever o que viria a ser o romance Urinol.

["As primeiras duas estrofes vieram de um poema prévio e descrevem questões filosóficas com as quais o autor se deparou durante sua curta carreira acadêmica. Com a eleição de Bolsonaro em 2018 e a consequente ascensão do horror político, às duas primeiras estrofes foram acrescentadas as demais, que trazem a sensação de abismamento diante do cenário e o chamado à ação por meio de uma pergunta final. Uma pergunta que aguarda resposta."]

[DISTOPIA]

a autonomia do ponto
é ignorância da trama.

mais que o arame detém
a própria ideia da cerca.

foi nosso consentimento
que apodreceu o horizonte.

não há de cessar o pus.
e o que virá da carcaça?

aceitaremos sem paz
a noite que nos aguarda?

Roy David Frankel

Possui graduação em Engenharia de Produção pela UFRJ (2010), em Letras Português/Francês pela UERJ (2015), mestrado em Letras – Teoria da Literatura e Literatura Comparada pela UERJ (2015), com foco em Heidegger, Clarice Lispector e Hermann Hesse, e doutorado em Ciência da Literatura na UFRJ, estudando poesia engajada. Em 2017 publicou o livro Sessão, pela LunaParque, e em 2019 publicou a coleção de poesia Fractal (Arte, Tempo, Espaço, Infinito).

[“Qual a dimensão da vida humana em face do tempo histórico? Qual a dimensão do tempo histórico em face do tempo geológico? Sem saber qual planeta deixaremos para nossos filhos, em um contexto de regimes cada vez mais autocráticos e imperialistas ao redor do globo, esse poema é um convite à perspectiva. Não uma perspectiva paralisante, mas um olhar para o abismo. Inserido em um livro com a finitude como um dos temas centrais (*Tempo*, da coleção Fractal), o poema que o segue é “lázaro, levanta-te”, no qual em uma clave humorística o chamado à ação é marca central. Em uma perspectiva existencialista, o abismo e a sua angústia são professores importantes, e o tempo famélico nos obriga à pergunta: o que faremos com o pouco que nos resta?”]

TODO IMPÉRIO

todo império irá ruir
todo homem e mulher que um dia puseram os pés nessa terra
serão carbono
tudo que é vivo
morrerá
tudo que um dia foi civilização
evaporará
apesar das inesgotáveis tentativas de lembrar
tudo será esquecido
toda pedra será areia
toda escrita ilegível
todo relógio matéria
toda música silêncio
toda coluna piso
todo amor indiferença
toda religião mitologia
todo verbo substantivo
toda dor alegria
todo sonho passado

toda esperança ilusão
todo pecado imaculado
todo rei ninguém
toda história lenda
toda cultura museu
todo museu pó
até o isótopo radioativo
será comum

nada
resistirá à fome do tempo

Tempo, 2019

ÍNDICE

PRÓLOGO Itinerário do descaminho – ou de como antologiar poesia em um Brasil ainda em chamas	3
AUGUSTO MENECHIN Brasil	19
LUBI PRATES Para este país	27
JEFFERSON DIAS Canto pré-apocalíptico	33
BRUNO BRUM Medida	41
SABRINNA ALENTO MOURÃO How to make brazil great again google search	45
WILSON ALVES-BEZERRA O sétimo selo	51
SUSY FREITAS Não pelo nado	63
BRUNA KALIL OTHERO Oswald pede a Tarsila que lave as suas cuecas	67
PAULA ABRAMO En memoria de Anna Stefania Lauff, fosforera	71
EDIMILSON DE ALMEIDA PEREIRA L'Harmattan	79
PRISCA AGUSTONI (Não sabem os anjos)	83
PATRÍCIA LAVELLE Palavra estrangeira	87
LUIZA ROMÃO Dia 1. Nome completo	91
JESÚS MONTOYA Cúmulo	97
TARSO DE MELO Toda sentença é um antipoema	105
CELSO DE ALENCAR As cento e onze picas	127
BRENDA SODRÉ Alvejante	131
DHEYNE DE SOUZA 80 tiros	137

CESAR GARCIA LIMA Meu tio da américa	145
MATHEUS GUMÉNIN BARRETO D - notícias do campo arrasado (partes 1 e 2)	149
JENNIFER TRAJANO Pátria	153
ANDRÉ NOGUEIRA Campo do meio - 13/08/2020	157
JULIA RAIZ Anjinho do brasil	161
NATASHA TINET Tempestade	169
MAR BECKER (Algumas certezas depois de ter conhecido Maria)	179
RAQUEL GAIO (Sou uma mulher que traz no dorso a sede de um país devastado)	185
ANNA APOLINÁRIO Mães de fogo	189
MANUELLA BEZERRA DE MELO (Envenenei o céu pra que você)	193
ADELAIDE IVÁNOVA Os anos noventa	197
ELLEN MARIA VASCONCELLOS Escuchen a la brasílera	201
GLEDSON SOUSA Sem face	205
ALEX SAMPAIO NUNES Estudante de direito	209
EDSON KRENAK Três passos de como escrever em gênero poético indígena	213
MARIANA PAIM (Cartografar distâncias)	219
NATÁLIA LUNA Poema atroz	223
KAUAN ALMEIDA Pós-fim de festa	227
DIEGO CALLAZANS [Distopia]	231
ROY DAVID FRANKEL Todo império	235

PUBLICAÇÕES DESTA EDITORA:

COLECÇÃO ANTOLOGIAS

- 1) UM ÁRABE É UM ÁRABE, É UM ÁRABE, UM ÁRABE
(BREVE ANTOLOGIA DE POESIA ÁRABE)
- 2) ILUMINAÇÃO DO EU
(ANTOLOGIA DE POESIA HISPANO-AMERICANA)
- 3) TROCANDO DÓLARES POR CÊNTIMOS
(ALGUMA POESIA NORTE-AMERICANA)
- 4) UM POUCO DO MEU SANGUE
(ANTOLOGIA DE POESIA ITALIANA)
- 5) PELOS NOSSOS CORAÇÕES PASSA A LINHA DE FOGO
(ANTOLOGIA DE POESIA ISLANDESA)
- 6) DESCIDA BRUSCA DE TEMPERATURA
(ALGUMA POESIA SUÍÇA)
- 7) SONHADOR DEFINITIVO E PERPÉTUA INSÓNIA
(UMA ANTOLOGIA DE POEMAS SURREALISTAS ESCRITOS
EM LÍNGUA FRANCESA)
- 8) O DESTINO DA ÁRVORE É TRANSFORMAR-SE EM PAPEL
(ANTOLOGIA DE POESIA SUECA)
- 9) TRANSVERSÕES
(POEMAS REESCRITOS EM PORTUGUÊS)
- 10) O MUNDO ADORMECIDO ESPERA IMPACIENTE
(ANTOLOGIA DE POESIA FINLANDESA)
- 11) É POR ISSO QUE A ALEGRIA É MAIS ALTA
(POEMAS RUSSOS DOS SÉCULOS VINTE E VINTE E UM)
- 12) UM BRASIL AINDA EM CHAMAS
(ANTOLOGIA DE POESIA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA)

COLECÇÃO AVULSO

- 1) FUGA INTEMPESTIVA, Fernando Esteves Pinto

UM BRASIL AINDA
EM CHAMAS

antologia de poesia brasileira contemporânea

organização e prólogo

Wilson Alves-Bezerra e Jefferson Dias

Capa, composição, paginação,
impressão e encadernação manual
por Oficina Ponto & Virgula.

Vila Meã, Maio de 2022

oficinapontoevirgula@gmail.com

edcontracapa.blogspot.com

*mais
vêm à
orto e
Todo
ápico,
nosso
a-se.*

UM



CH